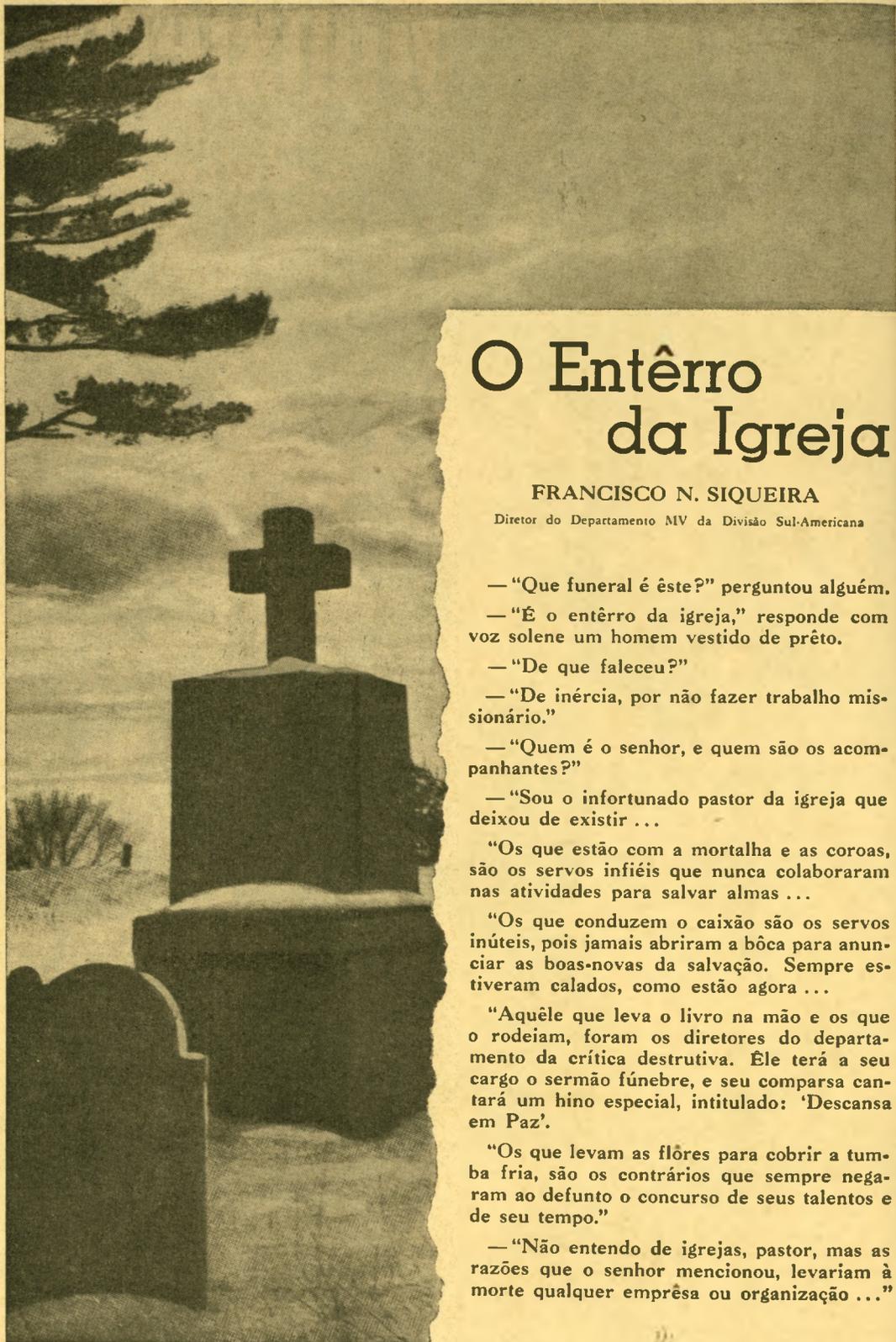


Ministério

Adventista



Maio-Junho de 1965



O Entêro da Igreja

FRANCISCO N. SIQUEIRA

Diretor do Departamento MV da Divisão Sul-Americana

— “Que funeral é este?” perguntou alguém.

— “É o entêro da igreja,” responde com voz solene um homem vestido de prêto.

— “De que faleceu?”

— “De inércia, por não fazer trabalho missionário.”

— “Quem é o senhor, e quem são os acompanhantes?”

— “Sou o infelizmente pastor da igreja que deixou de existir ...

“Os que estão com a mortalha e as coroas, são os servos infiéis que nunca colaboraram nas atividades para salvar almas ...

“Os que conduzem o caixão são os servos inúteis, pois jamais abriram a bôca para anunciar as boas-novas da salvação. Sempre estiveram calados, como estão agora ...

“Aquêlo que leva o livro na mão e os que o rodeiam, foram os diretores do departamento da crítica destrutiva. Ele terá a seu cargo o sermão fúnebre, e seu comparsa cantará um hino especial, intitulado: ‘Descansa em Paz’.

“Os que levam as flôres para cobrir a tumba fria, são os contrários que sempre negaram ao defunto o concurso de seus talentos e de seu tempo.”

— “Não entendo de igrejas, pastor, mas as razões que o senhor mencionou, levariam à morte qualquer empresa ou organização ...”



Ilustrações

Órgão publicado bimestralmente pela
 Associação Ministerial da Igreja Adventista do
 Sétimo Dia
 Editado pela
 Casa Publicadora Brasileira
 Santo André, São Paulo

Diretor — Enoch de Oliveira
 Gerente — Bernardo E. Schuenemann
 Redator responsável — Naor G. Conrado
 Colaboradores especiais:
 J. J. Aitken e A. E. Schmidt

Brasil	
Assinatura Anual	Cr\$ 500,00
Número Avulso	Cr\$ 85,00
Estrangeiro	
Assinatura Anual	US\$ 2,00
Número Avulso	US\$ 0,35



Ano 31 Nº. 3

NESTE NÚMERO

O ENTERRO DA IGREJA	2
ILUSTRAÇÕES	
Notícia Importante	3
Comparação da Morte de Cristo	3
EDITORIAL	
Um Livro Sobre os Adventistas	4
ARTIGOS GERAIS	
Considerações Sobre os Comentários de Walter Martin Acerca do Sábado e o Dia do Senhor — I	5
Walter Martin e a Natureza do Homem — I	9
O Juízo Investigativo	13
PESQUISA — TEOLOGIA, HISTÓRIA, CIÊNCIA	
Cristo Nosso Senhor	17
Alguns Aspectos da Observância do Sábado	
Entre os Judeus, Durante a Era Cristã — I	19
PERGUNTAS SOBRE DOUTRINA	
A Preeminência de Cristo em Daniel 8 e 9	23

Notícia Importante

Certo ladrão penetrou numa igreja em Búfalo, Nova York, conseguindo arrebatando alguns objetos de valor, e diversos dólares da caixa de ofertas. No dia seguinte, o quadro de anúncios colocado fora do templo, continha as palavras: "Se a pessoa que assaltou esta igreja comunicar-se com o pastor, receberá importante notícia."

Curiosos de saber o que era, vários repórteres foram falar com o pastor.

— Qual é essa notícia importante que o senhor prometeu dar? indagaram.

Respondeu o ministro:

— "Se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça." — *Youth for Christ Magazine*.

Comparação da Morte de Cristo

Um ministro estava hospedado na casa dum fazendeiro que não era cristão. Bem cedo, certa manhã, este senhor convidou o pregador a acompanhá-lo até o galinheiro. Ali, num ninho, estava sentada uma galinha, com filhotes piando debaixo de suas asas.

— Pegue-a, Parson, disse o fazendeiro.

Quando o ministro colocou a mão sobre a cabeça da ave, notou que ela estava enrijecida pela morte!

— Veja aquele ferimento que ela tem na cabeça, acrescentou o dono da fazenda. Uma doninha sugou-lhe todo o sangue do corpo, e ela nem sequer se moveu, com receio de que o pequeno animal carnívoro lhe arrebatasse os pintinhos!

— Oh, Jonas, disse o ministro, foi exatamente isto que Cristo fez! Suportou todo o sofrimento da crucifixão, embora pudesse haver desido do madeiro e salvado a própria vida. Não o efetuou, porém, pelo motivo de a nossa redenção depender de Sua morte. Caso Se livrasse da morte, nós estaríamos perdidos!

O fazendeiro compreendeu imediatamente o alcance da comparação. Lágrimas de arrependimento começaram a deslizar-lhe pelas faces, ao mostrar-se êle agradecido a Deus pelo Seu dom inefável! — *Seleto*.



EDITORIAL

Um Livro Sobre os Adventistas

ENOCH DE OLIVEIRA

EM 1960 a Zondewan Publishing House, nos EE. UU., anunciou a publicação do aguardado livro: "The Truth About Seventh-Day Adventism", escrito por Walter R. Martin.

O autor durante 7 anos investigou com honestidade e isenção de ânimo os principais livros anti-adventistas, leu com acurado interesse as mais importantes publicações pró-adventistas e complementou esta extenuante investigação bibliográfica consultando mais de cem influentes ministros adventistas na América, Europa e Ásia.

Após estes anos de exaustiva investigação sobre a história e doutrina adventistas, o Dr. Martin renunciou as conclusões a que havia chegado em 1949, quando então afirmou "que os adventistas se constituíram em um culto de origem cristã, mas com suficientes heresias em suas doutrinas para excluí-los do corpo de Cristo."

Entretanto, admitindo a improcedência das muitas acusações formuladas contra os adventistas, o autor se vale da mesma dialética e textos bíblicos usados pelas igrejas tradicionais para refutar algumas de nossas crenças, a saber: o sábado, a lei, a doutrina do santuário, o castigo dos ímpios e o dom de profecia através de Ellen G. White.

Rejeitando a genuinidade da inspiração dos escritos do Espírito de Profecia, o Dr. Martin enumera uma lista de supostos erros cometidos pela Sr^a. White, inclusive a mui conhecida citação que encontramos nos Testemunhos, Vol. I, pág. 563, em a qual a Sra. White admite haver-se equivocado, quando escreveu extemporaneamente um Testemunho para a Igreja, declarando a necessidade de edificar um Instituto de Saúde, em Battle Creek. O autor, entretanto, não ousa pôr em tela de juízo a sinceridade das convicções da mensageira do movimento adventista.

No tocante ao sábado, o Dr. Martin defende a idéia de que o primeiro dia da semana deve ser reverenciado como um marco comemorativo da ressurreição de Cristo. Para ele não existe nas páginas das Escrituras Sagradas mais que uma

lei, e não duas ou três consoante ensinam alguns grupos religiosos, inclusive os adventistas.

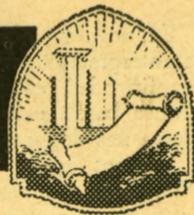
Em contraposição ao nosso pensamento teológico, ele reafirma, sem muita originalidade, a sua crença na doutrina do inferno e "eterno castigo dos ímpios," usando quase os mesmos argumentos com os quais os "imortalistas" pretendem provar a existência de um horrendo inferno "que nunca se apaga."

Um dos capítulos desta obra é consagrado ao estudo da expressão que, com freqüência, encontramos em nossa literatura denominacional — a "Igreja Reamnescente." Analisando o que significa para nós esta expressão, ele conclui declarando que os adventistas não pretendem equivaler a igreja visível com a igreja invisível, formada pelos membros de tôdas as denominações que permanecem fiéis às Escrituras. O autor reconhece o nosso repúdio à suposição de que unicamente nós, os adventistas, somos amados por Deus e que o Céu nos pertence por exclusividade.

Entre as incontáveis acusações formuladas contra as nossas doutrinas e ensinamentos, a que se reveste de maior gravidade tem como fundamento o falso e generalizado conceito de que Satanás, representado por Azazel no ritual levítico, realiza em favor do homem uma obra redentora. Porém, na pág. 186 de seu livro, o Dr. Martin de modo inequívoco restabelece a verdade, declarando: "... os adventistas têm um conceito singular sobre o bode expiatório, porém à luz de sua explicação nenhum crítico poderia honestamente acusá-los de heresia no que se refere à expiação de nosso Senhor. Os adventistas têm declarado de modo inequívoco que Jesus Cristo é sua única propiciação pelo pecado, e que Satanás não tem parte na expiação do pecado."

Com esta declaração o autor investe contra o tradicional arsenal da apologética protestante, onde se entrincheiram os mais ardorosos opositores do adventismo.

(Continua na pág. 24)



Considerações Sobre os Comentários de Walter Martin Acerca do Sábado e o Dia do Senhor — I

RICARDO HAMMILL

Secretário Associado do Departamento de Educação da Associação Geral



EM seu livro, *The Truth About Seventh-day Adventism* (A Verdade Sobre o Adventismo), Walter R. Martin procura demonstrar que os ensinamentos da Igreja Adventista do Sétimo Dia, no tocante à obrigação que têm os cristãos de observar o descanso do sétimo dia, são destituídos de fundamento bíblico. Nosso objetivo é examinar os argumentos que ele apresenta no sexto capítulo. Para facilitar a comparação, empregaremos os mesmos subtítulos que aparecem em seu livro.

Ilusões Apocalípticas

Walter Martin inicia sua argumentação, afirmando que “os adventistas baseiam suas interpretações em grande parte sobre passagens inteiramente obscuras e proféticas dos livros de Daniel e Apocalipse” (pág. 142), e que nossa maneira de interpretar essas passagens é defeituosa. Não esclarece em que essas interpretações são defeituosas, mas diz que essas passagens bíblicas são “símbolos cujo significado o Espírito Santo não Se dignou revelar,” e segundo sua opinião, “não pode ser negado que a principal fonte dessas especulações apocalípticas é a não consideração do fato de que Deus deliberadamente ocultou algumas coisas à compreensão humana” (pág. 143).

É evidente que o Sr. Martin está tentando pôr de lado importantes ensinamentos e evidências sobre a relevante questão do sábado como dia de repouso, fazendo simplesmente a imprecisa declaração de que as profecias de Daniel e Apocalipse não podem ser compreendidas.

Perguntamos: Por que mandou Deus o Espírito Santo transmitir estas mensagens por meio dos profetas? E por que achou conveniente colocar estes assuntos proféticos na Bíblia, se não para nos servirem de proveito e orientação? Quando o apóstolo Paulo encomendou os crentes efésios “ao Senhor e à Palavra da Sua graça, que tem poder para vos edificar e dar herança entre todos os que são santificados” (Atos 20:32), não excluiu os escritos proféticos de Daniel ou de João. Sem dúvida alguma, o Sr. Martin concorda que os livros de Daniel e Apocalipse pertencem ao cânon bíblico. Contudo, a opinião que alguém possui sobre o cânon das Escrituras, consiste em realidade naquilo que está disposto a usar como doutrina e orientação da vida.

Declara ele ainda: “Não existe fundamento na construção gramatical ou no contexto da Palavra de Deus, para ensinar que o Papado constituiu o poder mencionado em Daniel 7:25” (pág. 143). Este raciocínio é surpreendente, porquanto toda a nossa argumentação a respeito de Daniel 7:25 está baseada no contexto. Somos muito cuidadosos em traçar nesta profecia o desenvolvimento de grandes poderes sobre a Terra, começando com a Medo-Pérsia, seguida pela Grécia, Roma e depois pelo grande poder político e espiritual que surgiu do império romano — a ponta pequena. Isto, certamente, é dar atenção ao contexto. Ademais, não sabemos o que o Sr. Martin tinha em mente ao dizer que não há fundamento gramatical para o nosso ensino sobre esta profecia. Não revela em que violamos o sentido gramatical de Daniel 7:25. Para que serve a linguagem, se não para expressar algo? Nossa interpretação baseia-se em minucioso exame do significado das frases do versículo vinte e cinco. De maneira alguma forçamos o sentido gramatical desta passagem.

Em seguida, diz êle que nos apegamos a essa interpretação de Daniel 7:25, devido a ser "confirmada" pelos escritos de Ellen G. White. Nunca baseamos nossa interpretação desta passagem nas declarações de Ellen G. White, nem o fazemos agora. Dirigimo-nos diretamente à Bíblia e às suas claras delineações sobre o poder da ponta pequena, através de todo o contexto do sétimo capítulo de Daniel. No tocante ao livro de Daniel, disse o Salvador: "Quem lê, entenda" (S. Mat. 24:15). Jesus aprovou o livro de Daniel e recomendou que o estudássemos. Estranhamos, portanto, que o Sr. Martin procure anular o efeito duma notável profecia, declarando apenas que ela não pode ser compreendida. Admiramo-nos de que insista em afirmar que nossas interpretações estão erradas, sem pelo menos esforçar-se por mostrar em que estão erradas, ou qual o significado correto do texto bíblico. Não desejamos ser levados a admitir que nosso amigo procure rejeitar importante porção da Palavra de Deus por meio de meras negativas e generalizações ilusórias e arrogantes. É óbvio que não alteraremos nossos pontos de vista sobre Daniel 7:25, baseados em semelhantes argumentos.

Ellen G. White Sobre o Quarto Mandamento

O Sr. Martin cita em seguida uma declaração de Ellen G. White, tirada de *O Conflito dos Séculos*, págs. 489 e 490, afirmando que o quarto mandamento é o selo da lei de Deus. O selo consiste nestas duas coisas: que somente o quarto mandamento contém o nome de Deus juntamente com Seu título, demonstrando o último que como Criador, tem Êle autoridade para dar a lei. O Sr. Martin se empenha em provar que essa declaração da Sr^a. White não é confirmada pela Bíblia. Comenta que o erro dela se deve ao seu desconhecimento do hebraico, e afirma que o nome e o título de Deus ocorrem em outro lugar do Decálogo. Sua tentativa é falha, pois em nenhuma outra parte dos Dez Mandamentos, com exceção do quarto, é mencionado o título de Deus como Criador — Aquêle que fez o Céu e a Terra.

Por mais que alguém conhecesse o hebraico, não encontraria justificativa para a asserção do Sr. Martin. Êle procura basear suas alegações no fato de que o nome de Deus, *Elohim*, aparece mais vezes no Decálogo, e que êste nome, segundo declara o Sr. Martin, encerra a significação adicional de Criador, pois é usada em Gênesis 1:1, onde se diz que Deus criou a Terra. Isto sem dúvida é raciocínio forçado, e consiste realmente numa espécie de subterfúgio. A Sr^a. White não diz que o nome de Deus só é mencionado no quarto mandamento, mas que êsse nome acompanhado da designação de ser Deus o Criador dos céus e da Terra, ocorre apenas ali. A afirmação do Sr. Martin de

que, devido a haver mostrado como o nome de Deus aparece em Êxodo 20:1, 2, 5 e 7, "desfez" a alegação da Sr^a. White, é bastante absurda. Todavia, depois de mencionar o fato de que o nome de Deus aparece mais vezes no decálogo, e que toda vez que ocorre devemos inferir que significa "Criador," o Sr. Martin declara ser isto "irrefutável argumento lingüístico." Não vemos sequer que isto constitua um argumento lingüístico, quanto menos que seja irrefutável. O fato de que em Gênesis 1:1 Deus é descrito como Criador, não indica que em qualquer parte onde o Seu nome é empregado devamos acrescentar imediatamente as palavras *Criador dos céus e da Terra*. Ao ser empregado sozinho, o vocábulo hebraico, *Elohim*, não encerra absolutamente a idéia de "Criador."

Ficamos ainda mais perplexos ao afirmar o Sr. Martin que se todo o quarto mandamento fôsse removido, o título de Criador permaneceria nos outros mandamentos, simplesmente porque o nome de Deus aparece nêles. Acaso não é Martin que está torcendo e forçando as Escrituras, e não Ellen G. White, apesar de várias vezes asseverar êle, neste trecho de sua obra, que a interpretação dela não é "correta gramaticalmente, nem concorda com o contexto," e que é "sèriamente deficiente nos importantíssimos aspectos da linguagem e do uso sintático"? Nem uma vez prova o Sr. Martin que a aplicação que a Sr^a. White faz da Bíblia é contrária ao uso gramatical, contextual ou sintático. Com efeito, sua posição radical de que a simples menção do nome de Deus deve ser entendida como incluindo Seu título de Criador, demonstra que é o Sr. Martin que não está observando as leis da gramática e da lingüística. A declaração da Sr^a. White está em harmonia com a linguagem e a sintaxe de Êxodo 20, ao passo que a do Sr. Martin não está.

Além disso, êle se esforça por obscurecer a questão, alegando que embora Deus houvesse santificado o sábado, os sábios, a começar com os pais da igreja, debateram o significado da palavra *santificou*. O hebraico torna perfeitamente claro que o Senhor santificou o sábado por descansar nêle e pô-lo à parte para Seu próprio uso. Isto de não conhecermos todas as significações adicionais da palavra *santificou*, não é desculpa razoável para os homens não descansarem ou prestarem culto no sábado, como Deus lhes ordenou.

O Sr. Martin cita então uma declaração de Ellen G. White, em que ela menciona que o Papado transferiu a observância do sétimo para o primeiro dia da semana. Procura demolir esta asseveração, perguntando a que papa se refere ela. Afirma que reconhecemos não existir o cargo de papa antes da elevação de Gregório, o Grande, em 590 A. D.; e que em razão de admitirmos que grande parte dos cristãos guardavam o domingo antes dêsse tempo,

contradizemos a nós mesmos. Em primeiro lugar, não admitimos que não existia a instituição do Papado antes de Gregório. Esta questão depende inteiramente da definição dada à palavra *Papado*, e num caso como este, o único procedimento correto é averiguar o que esta palavra significava para Ellen G. White no fim do século dezenove, e não o que ela significa para o Sr. Martin hoje em dia.

Reconhecemos que a primazia do Bispo de Roma sobre a igreja cristã efetuou-se através dum processo evolutivo. Após a destruição do Templo em 70 A. D. e de Jerusalém em 132 A. D., a igreja de Roma rapidamente ocupou a dianteira do cristianismo. Conquanto houvesse outras igrejas grandes fundadas pelos apóstolos, a realidade de que tanto Pedro como Paulo foram martirizados em Roma, e de que essa cidade era a capital do império, motivou que os cristãos primitivos dessem muito valor às opiniões dos dirigentes da comunidade cristã em Roma. À medida que as décadas foram passando, esta superioridade aumentou constantemente. Irineu de Lião (França) expressou o sentimento geral das igrejas de seu tempo (cerca de 185 A. D.), ao chamar a atenção para o fato de que a igreja romana foi fundada por Pedro e Paulo, e declarou: "Pois é necessário que todas as igrejas concordem com esta Igreja, por causa de sua preeminente autoridade." — *Heresies* 3:3. Evidência adicional desta primazia da igreja romana e do Bispo de Roma, é encontrada em 198 A. D., quando o problema da data da páscoa tornou-se tão acentuado que diversos sínodos foram convocados em Roma, Palestina, Alexandria e outros lugares. Todos eles decidiram-se a favor do costume romano de celebrar a páscoa no domingo, em vez de à tarde do dia catorze de Nisan.

Por volta de 200 A. D., Roma era o centro elevado e influente do cristianismo, e os bispos de Roma aproveitaram-se ao máximo desta eminência. Com o correr do tempo, a influência do Bispo de Roma ampliou-se grandemente, ao ponto de ser ele escolhido quase sempre como presidente e moderador de assembléias ecumênicas, e a opinião corrente era que nenhuma decisão de natureza geral podia ser tomada sem o seu consentimento. No Sínodo de Sardica, em 343 A. D., notamos que a autoridade do Bispo Romano, existente já por muito tempo, foi exposta com precisão, sendo-lhe conferidos poderes de apelação para solucionar disputas entre outros bispos. Cuidadoso estudo das experiências da igreja daqueles tempos revela que os bispos de Roma exerciam seu poder em amplas atividades eclesiásticas, muitas vezes a pedido de bispos e príncipes. Damasus, outro papa poderoso, eleito em 366 A. D., obteve do imperador Graciano o direito de julgar outros bispos.

As controvérsias doutrinárias do quarto sé-

culo aumentaram consideravelmente o poder do Bispo de Roma. Inocêncio I (404 A. D.) pretendeu ter o supremo direito de adjudicação em todos os casos mais graves e momentosos das disputas da igreja, e também reivindicava o direito de emitir regulamentos obrigatórios para os diversos distritos da Igreja. Leão I (440-461 A. D.) salientou o primado de Pedro, e alegou que os bispos de Roma eram sucessores desse apóstolo. Foi tão eficiente em suas pretensões que conseguiu exercer autoridade sobre a Gália, a Espanha e a África do Norte. Em 445 A. D. obteve um edito do imperador Valentiniano III, o qual ordenou que todos os cristãos obedecessem ao Bispo de Roma, por ter este "a primazia de Pedro." Leão empenhou-se em manter o controle da igreja, interferindo neste ou naquele importante assunto de toda a igreja cristã.

Por volta do terceiro século, encontramos Irineu de Lião fazendo uma lista dos papas de Roma. Alegava que Pedro foi o primeiro papa, e mencionou doze papas que dominaram em sequência depois dele. Não importa o que pensem desta lista, é evidente que grandes porções da igreja cristã no terceiro e quarto séculos de nossa era encaravam o Bispo de Roma como o principal "pai" da cristandade. Esse é o significado da palavra, e foi assim que a Sr.^a White — bem como quase todos os escritores de seu tempo — empregaram a palavra, aludindo às instituições do Papado, a contínua série de dirigentes espirituais da igreja, e não a um único Bispo de Roma.

Certamente a instituição do Papado existiu antes do tempo de Gregório I, e numerosas citações de historiadores da igreja primitiva mostram que esses papas foram ativos em usar sua influência em rebaixar o sábado do sétimo dia e em animar a igreja a substituí-lo pela observância do domingo. Nalguns casos isto consistiu em proclamar o sábado como dia de jejum, que não devia ser interrompido antes do início do primeiro dia da semana. Outro exemplo, que ocorreu muito antes, foi o incansável esforço manifestado pelos bispos de Roma para estabelecer por toda a cristandade o costume de observar o aniversário da ressurreição de Cristo no domingo, em vez de em dias diferentes da semana, ano após ano. A época da páscoa dos judeus, durante a qual Cristo foi crucificado e ressuscitado, era determinada de acordo com a Lua cheia do mês judaico de Nisan. Conseqüentemente, a páscoa e o primeiro dia da festa dos Pães Asmos variavam nos dias da semana. Logo no início, quando os cristãos primitivos começaram a honrar o aniversário da ressurreição de Cristo, empregaram a maneira judaica de computar, e o celebravam um ano na terça-feira, outro na quarta-feira etc. Este método de marcar o aniversário da ressurreição de Cristo foi usado em tempos remotos pela

igreja cristã, principalmente no Egito, na Palestina e na Ásia Menor.

Ao cair o povo judeu em grande descrédito nos primeiros séculos da era cristã, os dirigentes da igreja no Ocidente (Itália, Gália etc.) sentiram-se enfadados de ter de usar o sistema judaico para estabelecer a data duma celebração eclesiástica. Esforçaram-se por ligar o aniversário de Sua ressurreição a um dia fixo da semana, isto é, o domingo, visto que quando Cristo ressuscitou, êsse dia de festa caíra no domingo. Isto contribuiu para fortalecer sua argumentação de que os cristãos deviam também observar o primeiro dia da semana em homenagem à ressurreição de Cristo, de preferência a guardar o sábado do sétimo dia, conforme ordena a Bíblia. Destarte usaram a novel celebração da páscoa como meio de estabelecer a observância do domingo.

Vítor, o bispo de Roma durante os anos 189 a 200 de nossa era, procurou impor êste costume sôbre a igreja na Ásia Menor. Quando os dirigentes da igreja no Oriente protestaram, êle tentou excomungá-los. A controvérsia intensificou-se durante o terceiro e quarto séculos, até finalmente os bispos de Roma poderem impor sua vontade sôbre tôda a igreja cristã. Como o aniversário da ressurreição do Senhor foi vinculado gradualmente ao domingo, a consideração do povo para com êsse dia aumentou, e pouco a pouco se inclinaram a aceitá-lo como o dia semanal de culto, em lugar do sábado do sétimo dia. Com certeza, os bispos de Roma desempenharam a parte principal em mudar a observância do sábado para o domingo, entre o mundo cristão.

Os dirigentes da Igreja de Roma exerceram sua influência sôbre o imperador Constantino para promulgar o edito de 321 A. D., em que

os habitantes das cidades foram proibidos de trabalhar no domingo. No Concílio de Laodiceia, realizado entre 343 e 381, os líderes da igreja criaram a seguinte lei: "Os cristãos não devem judaizar e estar ociosos no sábado, mas sim trabalhar nesse dia; todavia, honrarão especialmente o dia do Senhor, e, sendo cristãos, se possível, não trabalharão nesse dia. Entretanto, caso se descubra estarem judaizando, serão separados de Cristo." — Cànõn 29, *Hefele's Councils*, Vol. 2, livro 6, seção 93.

Que os bispos de Roma, os "pais", isto é, papas, da parte mais influente da cristandade, foram realmente os agentes principais em instituir a observância do domingo, exatamente como escreveu Ellen G. White, é bem evidente.

O Sr. Martin pergunta por que os adventistas do sétimo dia citam o testemunho de autoridades católico-romanas para provar que essa igreja mudou o sábado para o domingo. Declara poder mencionar outras autoridades católico-romanas que não concordam com isso. Nossa resposta é que quando algumas autoridades reconhecem o fato de que foi a Igreja Católica Romana que levou a cristandade a guardar o primeiro dia da semana em lugar do sétimo, elas estão de acôrdo com o que ocorreu efetivamente, e concordam com as declarações da profecia de Daniel 7:25, no tocante ao que sucederia sob a influência do poder da ponta pequena.

Na página 148 de seu livro, Walter Martin menciona a excelente declaração de Pedro Geiermann, admitindo que o sábado é o dia de descanso e que a Igreja Católica no Concílio de Laodiceia transferiu a solenidade do sábado para o domingo. Cita ainda outro trecho da

(Continua na pág. 12)

CURSO DE LEITURA MINISTERIAL

1965

1. Testemunhos para Ministros — Ellen G. White
(Em preparo) — Casa Publicadora Brasileira
2. O Pastor-Evangelista — R. A. Anderson
(Em preparo) — Casa Publicadora Brasileira
3. Luz Sôbre o Fenômeno Pentecostal — Elemer Hasse
— Imprensa Metodista
4. Deixe de Fumar pelo *Five Day Plan* — Fernando Worm
— Editõra Metrõpole — Põrto Alegre

Walter Martin e a Natureza do Homem — I

D. E. MANSELL

Pastor na Associação da Nova Inglaterra do Sul



UM dos capítulos do livro *The Truth About Seventh-day Adventism*, escrito por Walter R. Martin, procura refutar as doutrinas adventistas da imortalidade condicional e da aniquilação dos ímpios, indicando que a Bíblia ensina a existência consciente depois da morte, e o tormento eterno dos incrédulos.

Todos os cristãos aceitam que Deus é o Criador de todas as coisas, inclusive a existência consciente. O Sr. Martin crê isto, e nós também. Por conseguinte, não é esta a questão que nos separa. Tampouco o é o assunto de *poder* Deus conservar a vida para sempre ou aniquilá-la, caso ordenasse assim. O ponto crucial da questão é: Conferiu Deus ao homem, sem levar em conta o seu caráter, vida consciente que *nunca* lhe tirará? O Sr. Martin ensina que sim. Os adventistas do sétimo dia afirmam que não.

Não vemos qualquer razão para Deus haver determinado que o homem *precisava* possuir uma infundável existência consciente, quer fôsse regenerado ou irregenerado, e não acreditamos que a Bíblia ensina assim. Pelo contrário, sustentamos que as Escrituras mostram claramente que Deus criou o homem com a *possibilidade* de vida eterna, mas que isto dependia de sua obediência à vontade divina. Quando o homem pecou, a existência interminável tornou-se *possível* unicamente mediante a aceitação da vida eterna em Jesus Cristo.

O Sr. Martin defende que a alma ou o espírito, que é iguala à "natureza cognoscitiva e imaterial" do homem (pág. 127), possui existência infundável, independentemente do caráter (ver a pág. 139), pois é declarada: "Os defensores da imortalidade condicional procuram responder ao argumento do Dr. Hodge [de que os incrédulos são punidos para sempre], afirmando que a alma não é eterna por criação; mas a Bíblia ensina enfaticamente que ela o é, pois já vimos que a palavra 'morte' não denota inconsciência, como declaram os adventistas" (pág. 132).

Esta afirmação demonstra que o Sr. Martin crê ensinar a Bíblia que a alma é eterna por criação. Visto que o argumento dele não teria força a não ser que Deus determinasse que a

alma *precisava* existir eternamente como entidade consciente, concluímos ser isto o que ele quer dizer ao declarar que a alma é eterna por *criação*. Suas razões para crer semelhante coisa, porém, não são bem claras. Com efeito, não podemos deixar de nutrir dúvidas acerca de ser o Sr. Martin capaz de esclarecê-las. Vejamos por quê.

Declara o nosso amigo que devido à "morte" não significar inconsciência, provou ele, portanto, que a Bíblia ensina enfaticamente que a alma é eterna por criação. Isto nos parece ser um método bastante incomum de apresentar provas. Em essência, é-nos solicitado crer que a falta duma inferência constitua enfática prova. Não vemos sequer como isto possa ser uma prova, quanto mais uma prova enfática.

Passaremos agora a examinar a evidência, que o Sr. Martin alega já termos visto, com a qual se pretende provar que a "morte" não significa inconsciência." A fim de facilitar o confronto, seguiremos as linhas gerais da apresentação do Sr. Martin.

I. Análise Textual

Nas páginas 118 e 119 de seu livro, o Sr. Martin, comentando S. João 5:11-13, diz o seguinte: "Na gramática e no contexto desta passagem, a vida eterna (*eionion zoes* [sic]) é a posse atual de todo crente no Senhor Jesus Cristo, e se a expressão *vida eterna* não inclui *companheirismo consciente*, então é destruído todo o significado do Novo Testamento. O Espírito Santo empregou o verbo *echo* na voz ativa do presente do indicativo, para expressar uma ação presente e contínua. Vemos, portanto, que o crente, tendo sido regenerado pelo Espírito Santo, *já* possui a vida interminável como uma continuada *qualidade* de existência consciente." (Grifo seu.)

Em primeiro lugar, parece-nos completamente supérfluo conferir aos crentes "uma continuada qualidade de existência consciente," se todos os indivíduos regenerados e irregenerados possuem existência consciente que é eterna por criação.

Em segundo lugar, achamos bastante estranho que alguém procure provar a existência consciente depois da morte alegando que os crentes possuem vida eterna. Vejamos por quê. Se

os crentes possuem “uma continuada qualidade de existência consciente” em virtude do fato de lhes ter sido outorgada a vida eterna, por isso mesmo os incrédulos não possuem “uma continuada qualidade de existência consciente,” visto não terem vida eterna (I S. João 5:12; 3:15). É evidente que este argumento vai longe demais, e por conseguinte não prova nada em favor do ponto sustentado pelo Sr. Martin. Isto não é tudo, porém. Nosso amigo precisa demonstrar ainda que o significado *total* de “vida eterna” no Novo Testamento inclui “companheirismo consciente.” Afirmamos que ele não apresentou provas para essa asserção.

Sob essa mesma seção, declara o Sr. Martin que um caso paralelo a I S. João 5:11-13 “aparece no contexto de S. João 5:24, onde o Espírito Santo informa que o indivíduo espiritualmente morto, pela fé passa para a vida espiritual ou eterna, mas sem sofrer alteração em sua natureza física, indicando assim o dualismo do corpo e da alma” (pág. 119). Não percebemos como esta passagem indique forçosamente o dualismo do corpo e da alma, mas o Sr. Martin se apressa em declarar que “isto refuta completamente a geral afirmação adventista de que a vida eterna ou imortalidade é conferida ao crente somente *por ocasião* da ressurreição de seu corpo” (*ibidem*). Esta é uma declaração deveras surpreendente. Em essência, *é-nos solicitado crer que uma indicação, a qual o Sr. Martin nem sequer pretende haver demonstrado, refuta completamente uma afirmação.*

Qual é essa afirmação adventista? O Sr. Martin diz consistir ela em que a vida eterna ou a imortalidade é conferida ao crente somente por ocasião da ressurreição do corpo. Mas isto não é absolutamente uma afirmação adventista. Nós não igualamos as expressões “vida eterna” e “imortalidade.” Este fato é salientado na “declaração” feita pelo Sr. H. W. Lowe, um adventista, e que aparece na página 15 do livro do Sr. Martin. Nesta declaração o Sr. Lowe realça que o Sr. Martin está “errado ao dizer que os adventistas igualam a vida eterna à imortalidade.” Vemos assim que o Sr. Martin *refuta completamente algo que nós nem sequer ensinamos.*

O que os adventistas do sétimo dia ensinam sobre este ponto é tornado bem claro pelas palavras do Sr. Lowe: “Ensinamos enfaticamente que o verdadeiro crente em Cristo possui a vida eterna habitando nêle agora, e esta vida está no Seu Filho,” I S. João 5:11. Cremos que a imortalidade, ou a qualidade de existência que torna a morte impossível, é algo outorgado ao crente na ressurreição, quando nosso Senhor voltar” (página 15).

O segundo texto apresentado para provar o companheirismo consciente depois da morte, é S. João 11:25 e 26, sendo o ponto principal que,

referindo-Se não somente a Lázaro, o qual cria em Cristo e morrerá fisicamente, “Jesus ergue o véu e revela que, no domínio dos fisicamente vivos, todos os que creem n’Ele jamais experimentarão o maior dos terrores — a morte espiritual” (pág. 121). O parágrafo seguinte mostra que por “morte espiritual” o nosso amigo entende “perda de comunhão e companheirismo como entidade espiritual.” A falácia deste argumento está em que Jesus não disse nada sobre a “perda de comunhão ou companheirismo,” muito menos sobre a “entidade espiritual,” e são êsses os pontos que precisam ser demonstrados.

Como sucede com os argumentos precedentes, o que se baseia em II Timóteo 1:10 e Romanos 2:7, no sentido de que a “vida eterna” é “uma qualidade consciente de existência espiritual” (pág. 122), também toma por certo o que carece de prova, sendo portanto falho.

Chegamos agora a Filipenses 1:21-23. Novamente o Sr. Martin afirma o que devia ter provado, isto é, que Paulo “desejava partir de seu corpo e desfrutar espiritualmente a presença de seu Senhor” (pág. 124). Nosso amigo pode pensar que Paulo almejava sair de seu corpo e ir à presença de Cristo como uma entidade espiritual, mas, como êle compreende muito bem, “a Bíblia não diz assim” (pág. 122).

Não é por obstinação que os adventistas insistem que “a Bíblia não diz assim,” mas pela simples razão de que esta passagem das Escrituras nada declara sobre deixar o corpo e desfrutar espiritualmente a presença do Senhor. Além disso, cremos haver sólidas razões no contexto para assumirmos esta posição, a despeito das afirmações contrárias do Sr. Martin.

É curioso que embora o Sr. Martin dê grande ênfase à construção gramatical de Filipenses 1:23, que alega ser “gramaticalmente devastadora para a posição dos adventistas do sétimo dia,” passa por alto o contexto e a exegese da passagem sob consideração. Ora, nem por um momento admitimos que a construção gramatical da frase “partir e estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor,” seja devastadora para a nossa posição. Pelo contrário, cremos ser ela devastadora para a posição do Sr. Martin, pelo simples motivo de que a passagem não diz coisa alguma sobre partir do *corpo* e desfrutar *espiritualmente* a presença do Senhor, o que, aliás, o Sr. Martin procura provar.

Ademais, êle desconsidera significativamente certas porções do contexto em que esta frase é encontrada. Na frase precedente o apóstolo Paulo declara estar “em apêto” “de ambos os lados.” O contexto torna bem claro que por êsses dois lados Paulo quer indicar a “vida” e a “morte.” Portanto, o apêto em que êle se encontrava era escolher entre a vida e a morte (versos 21 e 22). Ora, segundo a opinião de

Martin, o crente "nunca pode experimentar perda de comunhão do companheirismo como entidade espiritual, embora seu corpo possa morrer" (pág. 121). Conseqüentemente, de acordo com essa teoria, quer Paulo vivesse ou morresse, a "comunhão de companheirismo" permaneceria inalterada. O Sr. Martin insinua que como Paulo desfrutava comunhão com Cristo na vida, e continuaria a gozá-la depois da morte, encontrava-se num dilema. Esta conclusão seria lógica, não fóra o fato de Paulo desejar algo "que é incomparavelmente melhor" (verso 23). Melhor do que o quê? Obviamente, muito melhor do que a vida ou a morte. Que era isto? Paulo diz que era "partir e estar com Cristo" (verso 23). Sendo que partir para estar com Cristo é melhor do que a vida ou a morte, é evidente que a morte não o conduziria à "presença de seu Senhor" (pág. 124), como afirma o Sr. Martin.

Os adventistas do sétimo dia crêm que Paulo está-se referindo aí à trasladação, isto é, ser levado corporeamente para o Céu sem provar a morte, como Enoque (Heb. 11:5), Elias (II Reis 2:11) e como sucederá com os santos que estiverem vivos por ocasião do Segundo Advento (I Tess. 4:17). Isto seria de fato "incomparavelmente melhor" do que a presente vida ou a morte. Transportaria Paulo da atual condição mortal para a condição final, sem que passasse pela morte.

A última passagem que é citada para demonstrar a existência consciente do crente após a morte física, é I Tess. 4:13-18. Diz o Sr. Martin: "No verso 14, o Espírito Santo nos declara que Deus pretende trazer com Ele (*sun auto*), isto é, com Jesus em Seu segundo advento, os crentes cristãos que experimentaram a morte física" (pág. 125). Vejamos como Paulo descreve esses "crentes cristãos" que Jesus traz consigo. No verso 14, Paulo nos informa que eles são os que "dormem em Jesus." Que quer o apóstolo dizer com isso? O Sr. Martin se pronuncia a dar uma resposta. Assevera êle: "Tôda vez que a palavra 'sono' é usada para descrever a morte, sempre se refere ao *corpo* e não pode ser aplicada à alma, especialmente porque o 'sono' nunca é empregado em relação à alma" (págs. 125 e 126). Esta declaração torna bastante claro acreditar o nosso amigo que "tôda" ocasião em que o sono é usado para descrever a morte, êle "sempre" se refere ao "corpo." Visto ensinar a Bíblia com clareza que nosso Senhor virá do "Céu" no Seu segundo advento (I Tess. 4:16; Filip. 3:20), o Sr. Martin parece ter assumido a posição de *deveras incongruente, para não dizer absurda, de colocar os corpos adormecidos dos crentes cristãos no Céu, pois são aqueles que "dormem em Jesus" que Deus "trará com Ele,*" e o Sr. Martin insiste "cate-

goricamente" que *sun* tem de significar "juntamente com."

Esta é uma situação inadmissível para o nosso irmão, pois, ou êle precisa admitir que o *sono*, ao ser empregado para descrever a morte, nem "sempre" e em "tôda" ocasião se refere ao corpo, ou que a frase "trará com Ele" não significa forçosamente "trará juntamente com Ele" do Céu. Notamos assim que em vez de refutar "o ensino dos ASD sobre o estado intermediário dos mortos," nosso amigo se põs num dilema de sua própria invenção.

Uma coisa é evidente: Seja qual fôr a alternativa a que o Sr. Martin se apegue, sua alegação de que as almas dos que morreram em Cristo desfrutaram companheirismo consciente no estado intermediário, não é confirmada.

II. "Alma" e "Espírito"

Como nos informa corretamente o Sr. Martin, os vocábulos originais de que foram traduzidas as palavras *alma* e *espírito* são, respectivamente, *Nephesh* e *ruach* no hebraico, e *psuche* e *pneuma* no grego. Estes vocábulos ocorrem cerca de 1.600 vezes no texto original e são usados com ampla variedade de significados. Entre êles, encontram-se os seguintes: "Princípio de vida," "respiração" e "consciência."

Já que o principal ponto sob consideração é se a alma ou o espírito do homem são eternos, consideraremos estas palavras apenas em sua relação para com êle. O estudo acerca de *nephesh*, *ruach*, *psuche* e *pneuma* revela que ao serem estas palavras empregadas com referência ao homem, *nem uma vez* encerram a mais remota idéia de eternidade. Isto é um fato significativo, que qualquer leigo pode verificar com a ajuda de uma concordância analítica. O Sr. Martin declara concordar plenamente com a conclusão adventista de que "o estudo minucioso de todos os adjetivos usados nas Escrituras para qualificar a palavra 'espírito,' da maneira como é aplicada ao homem, indica que nenhum dêles deixa transparecer a mínima idéia de imortalidade" (pág. 130). "Mas," objeta êle, "a imortalidade é atribuída apenas ao corpo de ressurreição dos santos e à natureza do próprio Deus" (*ibidem*). Perguntamos se o nosso amigo concorda que a idéia de "eternidade" jamais é conferida às palavras *alma* e *espírito*. Caso o faça, e não vemos como possa deixar de anuir com isso, êle não possui base bíblica alguma para a sua alegação de que a alma ou o espírito são eternos.

O Sr. Martin afirma que "os versículos de Isaías 57:16, Zacarias 12:1, Isaías 55:3 e Gênesis 35:18, contradizem o critério adventista para determinar a natureza espiritual do homem" (pág. 127). Isto é interessante. A úni-

ca dificuldade reside em que isso não é verdade. Os adventistas do sétimo dia estão perfeitamente cientes de que os vocábulos hebraicos traduzidos por "alma" e "espírito" amiúde se referem à natureza intelectual e espiritual do homem, quando usados em relação com pessoas vivas. Mas isto não é o ponto em debate. A questão é: Onde está a evidência de que as palavras originais fazem alusão à "natureza cognoscitiva e imaterial" do homem *depois* da morte? Em outras palavras, sendo que a Bíblia declara que *nephesh* pode morrer (Ezeq. 18:4 etc.), e *ruach* pode referir-se ao princípio de vida (Gên. 6:17; 7:22; ver a variante na margem), deve ser demonstrado que *nephesh* e *ruach* têm o significado de "consciência" ou "conhecimento," antes de Isaías 57:16, Zacarias 12:1, Isaías 55:3 e Gênesis 35:18 poderem ser usados como prova de que a alma ou o espírito possuem existência consciente e independente após a morte.

O que foi dito acêrca das palavras originais do hebraico para "alma" e "espírito", também é verdade a respeito de *psyche* e *pneuma*. O Nôvo Testamento ensina que *psyche* pode morrer (Apoc. 16:3; Atos 3:23) e *pneuma* é o princípio de vida (S. João 6:63). Portanto, precisa ser demonstrado primeiro que estes vocábulos gregos significam personalidade consciente *depois* da morte, antes de S. Mateus 10:28, S. Lucas 8:55, I Tessalonicenses 5:23, Hebreus 4:12 e Apocalipse 16:3 poderem ser usados para provar o argumento de nosso amigo.

O Sr. Martin cita Filipenses 1:23 como evidência de que a alma ou o espírito, significando personalidade consciente, ao sair do corpo por ocasião da morte, dirigem-se para a presença do Senhor ou para o lugar de castigo. Em primeiro lugar, mencionamos que esta passagem nem sequer emprega as palavras *alma* ou *espírito*. Em segundo lugar, já mostramos que a epístola aos Filipenses não prova que Paulo desejava morrer a fim de que pudesse desfrutar a presença do Senhor como uma entidade espiritual. Quanto a S. Lucas 16, concordamos com o Sr. Martin que "não se deve estabelecer uma doutrina baseando-se numa figura de linguagem" (pág. 121), e por essa razão cremos que também não se deve estabelecer uma doutrina baseando-se numa parábola.

Considerações Sôbre . . .

(Continuação da pág. 8)

autoria do Sr. Geiermann, que reitera a mesma coisa e salienta que "a igreja foi autorizada a fazer esta modificação pelo poder que lhe foi conferido por Jesus Cristo" (pág. 149). Mas também apresenta os textos de Apocalipse 1:10;

Atos 20:7; e I Coríntios 16:2 como autoridade bíblica para a observância do primeiro dia da semana. Nenhuma destas passagens afirma que o domingo é o dia do Senhor, nem menciona qualquer ordem divina de que os cristãos devam observar o primeiro dia da semana. Aprovamos também a segunda declaração do Prof. Geiermann, pois nela êle também declara que a Igreja Católica possui autoridade para decretar que os cristãos guardem o primeiro dia da semana. Rejeitamos sua asseveração de que esta autoridade lhes pertencia por força das Escrituras, mas isto de modo algum enfraquece seu testemunho quanto à parte que a Igreja Católica Romana desempenhou na tentativa de mudar o sábado. Não vemos que seja inconsistente citar Geiermann como testemunha.

Adventismo Inalterado

O Sr. Martin procura tirar forte argumento do fato de que Artur E. Lickey, escritor adventista, ao apresentar a relação entre o sábado e a cruz, expôs seu argumento na forma duma declaração feita por Deus e concluiu-a dizendo: "O que Eu ajuntei não o separe o homem." O Sr. Lickey estava mostrando como o Calvário não aboliu o sábado, antes reforçou-o ainda mais como dia de repouso dos cristãos, por ser um sinal do poder criador e remidor de Deus, como o é o Calvário. O Sr. Martin afirma que ficou chocado de descobrir que o Sr. Lickey cita S. Mateus 19:6, que versa sôbre o casamento, aplicando-o ao sábado e ao Calvário. Alega ser isto uma ilustração de como usamos as Escrituras fora do contexto.

Na verdade, quem ler a declaração do Sr. Lickey reconhecerá que êle emprega as palavras de S. Mateus 19:6 como empréstimo literário. Entre os escritores cristãos, é muito comum tomar o fraseado de certa passagem bíblica e empregá-lo numa colocação completamente diferente, por causa da fraseologia apropriada. É óbvio que o Sr. Lickey não procura usar estas frases como confirmação bíblica para o seu argumento, nem está interpretando S. Mateus 19:6. Não seria difícil encontrar numerosos exemplos de semelhante empréstimo literário, quase que em quaisquer livros cristãos. Exagerar isso da maneira como fez o Sr. Martin, apenas evidencia que houve muita investigação para encontrar um ponto fraco em que apegar-se. Em relação a isto, porém, desejamos dizer que nem o Sr. Lickey nem qualquer outro adventista do sétimo dia tentariam colocar o sábado em pé de igualdade com a cruz. A morte de Cristo é o evento mais importante da história cristã, e nada pode igualar-se a ela. Por outro lado, é certo que nada ocorreu no Calvário para alterar o fato de que Deus disse ser Seu desejo e vontade que Seus filhos obser-

(Continua na pág. 22)

O Juízo Investigativo

W. E. READ

Ex-Diretor da Revista "Israelite"

Revela a Bíblia em que Tempo Deveria Começar Este Aspecto do Juízo?



NESTA apresentação consideraremos o tempo em que deveria começar o juízo investigativo. Se as Escrituras Sagradas declaram que ele tem de ocorrer, não poderíamos esperar que Deus também revelasse o tempo em que se iniciaria?

I. Considerações Preliminares

1. O Princípio do Dia-Ano

Através dos anos, temos usado dois períodos de tempo ao tratar da questão de quando começa este juízo que antecede a segunda vinda de Cristo: Os 2.300 dias (Dan. 8:14) e as 70 semanas (Dan. 9:25). O período dos 2.300 dias está relacionado com a profecia simbólica de Daniel 8. Esta profecia é constituída de quatro símbolos — o carneiro, o bode, a ponta pequena e os 2.300 dias. Sendo o "dia" um símbolo na profecia, e tendo o período das 70 semanas de ser interpretado como uma chave para a compreensão da profecia dos 2.300 dias, era de esperar que o período das 70 semanas estivesse em linguagem literal. Nesse sentido, é interessante notar que a versão mais correta da palavra hebraica *shabu'a* — traduzida geralmente por "setenta semanas" — seria "setenta semanas de anos," segundo consta nas traduções inglesas de Goodspeed, Rotherham, Moffatt e na Revised Standard Version.

2. O Longo Alcance das Profecias de Daniel

As profecias de Daniel levam-nos além da época em que viveu este profeta. Com efeito, nalguns aspectos dos capítulos 7 a 12 somos conduzidos ao tempo do fim e ao estabelecimento do eterno reino de Deus.

A natureza progressiva destas revelações é vista na seqüência dos quatro grandes impérios de Daniel 7, isto é, de Babilônia até Roma. Daniel conhecia estas coisas por revelação, e por meio da fé pôde ver algumas manifestações em seus dias; contudo, não viveu o suficiente para

divisar o pleno desenrolar de tudo isso entre as nações.

a. Referência de Daniel acerca de "entender" as profecias

Houve algumas coisas que Daniel entendeu. Estas tinham uma aplicação local: "Entendi, pelos livros, que o número dos anos . . ." (Dan. 9:2); "teve a inteligência da visão" (Dan. 10:1).

Houve outras coisas que ele não entendeu. Estas tinham uma aplicação futura: "Eu ouvi, porém não entendi" (Dan. 12:8); "Entende, filho do homem, pois esta visão se refere ao tempo do fim" (Dan. 8:17).

b. Referência de Daniel ao "tempo do fim"

"Esta visão se refere ao tempo do fim" (Dan. 8:17); "Vim para fazer-te entender o que há de suceder ao teu povo nos últimos dias; porque a visão se refere a dias ainda distantes" (Dan. 10:14); "Porque o fim virá no tempo determinado" (Dan. 11:27); "até ao tempo do fim" (Dan. 12:9); "Tu (Daniel) . . . segue o teu caminho até ao fim; pois descansarás, e, ao fim dos dias, te levantarás para receber a tua herança" (Dan. 12:13).

c. Referência de Daniel ao reino de Deus

O ponto culminante destas profecias é o estabelecimento do eterno reino de Deus. Eis alguns exemplos:

Daniel 2:44: "Mas, nos dias destes reis, o Deus do céu suscitará um reino que não será jamais destruído . . . : subsistirá para sempre."

Daniel 7:18: "Os santos do Altíssimo receberão o reino, e o possuirão para todo o sempre."

Daniel 7:27: "O reino e o domínio, e a majestade dos reinos debaixo de todo o céu, serão dados ao povo dos santos do Altíssimo; o Seu reino será reino eterno, e todos os domínios O servirão e Lhe obedecerão."

d. Referência de Daniel às profecias de tempo

(1) Os 3 1/2 tempos ou 1260 dias (Dan. 7:25; 12:7). Ver também Apocalipse 12:14; 13:5.

(2) Os 2.300 dias (Dan. 8:14).

(3) As 70 semanas (Dan. 9:24).

(4) Os 1290 dias (Dan. 12:11).

(5) Os 1335 dias (Dan. 12:12).

Reconhecendo em geral a aplicação do prin-

cípio do dia-ano na interpretação destes períodos de tempo, verificamos que todos êles se estendem ao futuro, e na maioria dos casos ao "tempo do fim." O período das 70 semanas de anos foi de pouca duração, ao ser comparado com os outros, mas até êle estava grandemente no futuro, nos dias de Daniel, pois fazia alusão à vinda do Messias, ao Seu batismo, à duração de Seu ministério e à Sua morte na cruz do Calvário. Outras profecias, como o período dos 1260 dias que se referia ao poder perseguidor, abrangem os séculos compreendidos entre 533-538 a 1793-1798. O mesmo princípio aplica-se à profecia dos 1290 dias e particularmente à dos 2.300 dias. Assim como as outras se estendem ao futuro, seria bem natural que esta profecia dos 2.300 dias encontrasse seu cumprimento nos dias finais da história terrestre.

e. *Referência de Daniel à "abominação da desolação"*

Esta expressão pode ter tido uma aplicação menor e mais restrita nos dias de Daniel. Com certeza, teve uma aplicação mais ampla e completa após o ministério de nosso Senhor sobre a Terra. Êle mesmo chamou a atenção para esta profecia que indubitavelmente se cumpriu na destruição de Jerusalém, em 70 A. D. (Ver S. Mat. 24:15 e S. Mar. 13:14.)

Poderíamos ir além da aplicação à destruição de Jerusalém. Esta profecia da "abominação da desolação" também possui uma aplicação mais ampla, nos "últimos dias."

Observa o bispo Chr. Wordsworth, sobre S. Mat. 24:15:

"Mas a referência a Daniel feita por nosso Senhor nesta profecia concernente à Judéia e ao mundo, demonstra que a predição de Daniel ainda não se esgotara, mas deveria ter um cumprimento ulterior em Jerusalém e também na igreja como um todo." — *Commentary*, pág. 86.

"A profecia de nosso Senhor concernente ao estabelecimento duma Abominação de Desolação no Lugar Santo, parece haver-se cumprido em parte pela colocação do Bispo de Roma sobre o altar de Deus na cidade de S. Pedro (em Roma)." — *Idem*, pág. 87.

Escreve Ellen G. White:

"Jesus não respondeu aos discípulos falando em separado da destruição de Jerusalém e do grande dia de Sua vinda. Misturou a descrição dos dois acontecimentos. . . . Por misericórdia com êles, Jesus misturou a descrição das duas grandes crises, deixando aos discípulos o procurar por si mesmos a significação. Ao referir-se à destruição de Jerusalém, Suas palavras proféticas entenderam-se para além daquele acontecimento, à conflagração final do dia em que o Senhor Se levantará do Seu lugar. . . . Todo êsse discurso foi dado, não para os discípulos somente, mas para os que haveriam de viver nas últimas cenas da história terrestre." — *O Desejado de Todas as Nações*, págs. 469 e 470.

f. *Referência de Daniel à natureza e obra da ponta pequena"*

Maior menção é feita dêste aspecto da profecia de Daniel do que de qualquer outro símbolo. Uma quantidade de versículos ocupam-se em descrevê-lo. O número dêles é de cinco em Daniel 7; oito em Daniel 8 e vinte em Daniel 11.

Em Daniel 7, a "ponta pequena" dos versos 20-25 é descrita como possuindo "olhos", "uma bôca que falava grandiosamente", e "cujo parecer era mais firme do que o das suas companheiras" (verso 20). Ademais, vemos que ela faria "guerra contra os santos" (verso 21) e destruiria "os santos do Altíssimo" (verso 25). Cuidaria em "mudar os tempos e a lei" e continuaria durante "um tempo, e tempos, e metade de um tempo" (verso 25).

Em Daniel 8, a "ponta pequena," aplicando-se a Roma pagã e papal, é descrita diferentemente. A ênfase dêste capítulo está sobre sua relação com o santuário, com a adoração a Deus e com a obra redentora do Messias. Revela-o o fato de que ela "se engrandeceu até ao Príncipe do exército" (Dan. 8:11). No verso 25 isto é interpretado como significando "contra o Príncipe dos príncipes," que não é outro senão o Messias, nosso bendito Senhor.

Em Daniel 11, é ampliado o que foi descrito sobre a ponta pequena em Daniel 7 e 8. São mencionados outros pormenores, mas é assegurado ao profeta que ela "virá ao seu fim, e não haverá quem" a "socorra" (Dan. 11:45).

g. *Referência de Daniel ao "contínuo"*

A expressão "sacrifício contínuo" é encontrada cinco vêzes nas profecias de Daniel: 8:11, 12 e 13; 11:31; e 12:11.

Sabe-se que a palavra "sacrifício" aparece em grifo e representa um vocábulo acrescentado pelos tradutores para transmitir o que julgavam ser o sentido do termo original, *tamid*. *Tamid* é vertido de diversas maneiras, como *contínuo*, *sempre*, *perpétuo*, *continuamente* e *para sempre*. Minucioso estudo do emprêgo desta palavra hebraica indica que *tamid* é aplicado freqüentemente às ofertas sacrificiais da manhã e da tarde, e algumas das palavras que acabamos de mencionar são empregadas em relação com estas ofertas.

Sendo assim em sua referência aos sacrifícios da manhã e da tarde no santuário terrestre, alguns concluem que deveria suceder o mesmo no serviço antípico do santuário celestial. Ali, ela representaria evidentemente o contínuo ministério do Senhor, como nosso grande Sumo Sacerdote. O livro de Hebreus assimila êste pensamento, como pode ser visto na declaração de que Cristo "continua para sempre" (Heb. 7:24). Nosso Senhor "permanece sacerdote *perpétuamente*" (Heb. 7:3).

"Este serviço diário do santuário terrestre, abrangendo o sacrifício da manhã e da tarde — o *tamid* (hebraico), ou "contínuo" — prefigurou adequadamente a contínua eficácia do sacrifício de Cristo nosso Senhor, realizado na cruz do Calvário. O Cristo ressurreto, nosso ministrante Sumo Sacerdote, vive "sempre para interceder" (Heb. 7:25) por nós. Por isso, compreendemos Seu ministério celestial como a mediação de Sua expiação completa e sempre eficaz, que Ele fez e completou na cruz em favor do homem, aplicando essa expiação ao pecador individual ao aceitar êle a Cristo como seu Salvador pessoal. — *Questions on Doctrine*, pág. 264.

Estas considerações realçam que, na maior parte, as profecias de Daniel cumpriram-se depois de seu tempo, e na verdade bastante no futuro, até mesmo no "tempo do fim." Certa Bíblia (*The Holy Scriptures*, Jewish Publishing Society) traduz Daniel 8:17, assim: "A visão pertence ao tempo do fim;" e a Edição Revista e Atualizada no Brasil verteu-a desta maneira: "Esta visão se refere ao tempo do fim."

II. A Singularidade da Visão de Daniel 8 e 9

Existe algo singular acêrca da visão de Daniel 8 e 9. Difere das visões de Daniel 2 e 7. No capítulo 2 os reinos do mundo são apresentados a Nabucodonosor como metais preciosos — ouro, prata, bronze e ferro. No capítulo 7, foram descritos a Daniel como animais furiosos e vorazes.

Em Daniel 8, porém, conquanto se faça alusão a dois reinos sob os símbolos de animais, os que foram escolhidos não são feras, mas animais domésticos, e o fato significativo é que tanto o carneiro como o bode eram animais usados no sistema sacrificial do santuário de Israel.

A singularidade desta profecia é versar ela de modo proeminente sôbre o santuário. Isto pode ser visto nas seguintes referências: Ao "contínuo": Dan. 8:11, 12 e 13; ao santuário: 8:11, 13 e 14; à profanação do santuário: 8:11, 13; 9:17; ao sacrifício da tarde: 9:21; à purificação do santuário: 8:14; à terminação do sistema sacrificial: 9:27.

A alusão aos reinos mundiais é simplesmente para servir de base para o assunto principal — o plano de Deus para remir o homem da iniquidade. O período das setenta semanas revela a cruz, o ato redentor e sacrificial de nosso bendito Senhor, o Messias e o tempo em que *Ele inicia Seu ministério sacerdotal no santuário do Céu*. O período dos 2.300 dias revela o tempo em que Ele começa a efetuar a obra final de Seu ministério como nosso grande Sumo Sacerdote.

Como já mencionamos, nos dias de Daniel o cumprimento da profecia encontrava-se principalmente no futuro, mas o Senhor deu ao profeta algo para confortá-lo, e, pelo menos em parte, respondeu ao grande anseio de seu coração. Sua prece fervorosa: "Até quando?" teve um cumprimento local. Ele viveu durante a época em que Nabucodonosor destruiu o templo e a cidade de Jerusalém (Dan. 1:1). Tinha aproximadamente dezoito anos de idade nessa ocasião (*Testimonies*, Vol. 4, pág. 570). Lemos então que Daniel viveu até o terceiro ano de Ciro — 537 A. C. (Dan. 10:1).

De modo que ele viveu bastante tempo para ver restabelecidos os sacrifícios da manhã e da tarde. Isto animou e confortou o coração do profeta, mesmo que não pudesse compreender

as conseqüências de longo alcance, de suas profecias.

III. O Vínculo Entre Daniel 8 e Daniel 9

Os aspectos da profecia de Daniel nos capítulos dois e sete foram bem explicados, e, essencialmente, o mesmo sucede com o capítulo 8. Apenas um símbolo não foi explicado, e este era o período dos 2.300 dias-anos.

Sustentamos que este aspecto da visão de Daniel 8 foi tratado em Daniel 9, e consideraremos agora alguns pontos desta questão.

1. O Significado da Menção do Anjo Gabriel (Dan. 9:21)

Creemos que a menção de Gabriel estabelece a ligação entre os capítulos 8 e 9. Em Daniel 9:21, Gabriel, que vem para fazer o profeta entender a visão, era o anjo que ele vira no início da visão, conforme está registrado no capítulo 8. Ali Gabriel foi aconselhado por Alguém de maior autoridade a dar a entender a visão a Daniel. (Dan. 8:16). Foi o mesmo anjo que se encontrava com o profeta quando este desalececeu, e quem o confortou e lhe assegurou que a visão era verdadeira. No capítulo sete não se faz menção de Gabriel e não existe qualquer evidência de que ele tenha dado aquela visão a Daniel.

2. O Significado da Expressão "Entende a Visão" (Dan. 9:23)

Gabriel explicara anteriormente a Daniel tôdas as partes da visão do capítulo 8, menos a porção referente ao tempo. Agora ele reaparece para continuar a explanação em termos literais (Dan. 9:21 e 22) e elucidar a parte restante. O anjo emprega as impressionantes palavras: "Entende a visão." Esta expressão provê a chave da explanação, pois a palavra "visão" aparece dez vêzes no capítulo 8. Cumpre notar, no entanto, que no texto original de Daniel 8 e 9 são usados dois vocábulos hebraicos, *chazon* e *mar'eh*, que não são prôpriamente sinônimos. Na maioria das traduções empregou-se apenas a palavra "visão" para expressar essas pequenas diferenças de sentido, e, como resultado, raramente se tem distinguido a exata significação do original.

É possível que quando é usada a palavra *chazon*, se faça referência às pessoas ou incidentes particulares vistos e ouvidos na visão (*chazon*). Por outro lado, quando é empregado o vocábulo *mar'eh*, talvez seja feita alusão às coisas especiais vistas e ouvidas na *chazon*. Um aspecto visto na visão total (*chazon*), eram os 2.300 dias de Daniel 8:14. Mas a cena especial citada aí é "a visão (*mar'eh*) da tarde e da manhã" (verso 26).

Quando o anjo Gabriel, que o profeta tinha visto na sua "visão (*chazon*) ao princípio" (Dan. 9:21), retornou para completar a explicação da visão (*chazon*), dirigiu a atenção de Daniel especificamente para a visão (*mar'eh*), ao dizer: "Entende a visão (*mar'eh*)" (verso 23). Com estas palavras, Gabriel referiu-se diretamente à parte (*mar'eh*) que não fôra explicada em Daniel 8.

"Não pode haver equívoco quanto à identificação da 'visão.' S. R. Driver, o notável crítico, reconheceu isto (*The Book of Daniel*, 1936, pág. 133), e mencionou que a 'visão ao princípio' (Dan. 9:21) referia-se ao capítulo 8:16. A correlação entre os capítulos 8 e 9 parece inevitável, e que ambos os capítulos tratam do mesmo assunto, dispensa explicação. O que segue no capítulo 9 não é, portanto, uma visão nova e independente, mas o prosseguimento da explanação literal da 'visão' simbólica do capítulo 8." — *Questions on Doctrine*, pág. 271.

3. O Significado da Expressão "para ungir o Santo dos Santos" (Dan. 9:24)

A expressão "Santo dos Santos" é usada às vezes em relação ao santuário como um todo. Com maior freqüência, porém, é empregada a respeito do lugar Santíssimo, o compartimento interior do santuário terrestre, ao passo que a parte maior desse santuário chamava-se "Lugar Santo" (Êxo. 26:33).

Referindo-se ao sacrifício que devia ser comido pelos sacerdotes, diz Números 18:10: "No lugar santíssimo o comerás." Mas segundo Levítico 6:16, êle devia ser comido no lugar santo. Ninguém podia penetrar no lugar santíssimo, a não ser o sumo sacerdote, e apenas no Dia da Expição. O Lugar Santíssimo é mencionado em Ezequiel 45:3.

A palavra "santíssimo" é usada exclusivamente em relação a coisas e lugares, e nunca a pessoas. Declara o Deão Farrar no livro *The Book of Daniel*, pág. 278: "Embora ocorra quarenta e quatro vezes, a palavra 'santíssimo' nunca é usada em relação a pessoas." Keil afirma ser isto um "novo templo," um "lugar santíssimo," o "estabelecimento do novo Santo dos santos," onde será manifestada a presença de Deus. Diz a tradução judaica: "Para ungir o lugar santíssimo" (Dan. 9:24, *The Holy Scriptures* — Jewish Publishing Society).

Visto que o ministério de Cristo se efetua no santuário celestial, e não no terrestre, consideramos isto clara referência à unção ou consagração do santuário celestial, preparatória ou relativa à coroação ou investidura de Cristo como Rei e Sacerdote (Heb. 8:2; 9:23 e 24).

4. O Significado da Expressão "Setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo" (Dan. 9:24)

O problema atinente à palavra "determinadas" consiste em que ela é traduzida de modo diferente em várias versões. Algumas dizem

"determinadas," outras, "decretadas," "destinadas," "fixadas," "ordenadas," "divididas" ou "subtraídas." O vocábulo hebraico é *chathak*, e esta é a única vez que aparece na Bíblia escrita nessa língua. Devemos levar isto em conta na interpretação desta palavra. Temos sido acusados de reconhecer apenas um significado dela, a saber, "cortadas de um todo," e que fazemos assim por ser uma maneira conveniente de estabelecermos uma conexão entre os capítulos 8 e 9 de Daniel. Cumpre investigarmos cuidadosamente esta acusação, para ver qual o motivo que temos para usar a expressão "cortadas ou separadas de um todo." O fato é que os léxicos hebraicos diferem a respeito de qual significação tenha a prioridade, mas em geral mencionam a palavra "cortado" ou "separado" em primeiro lugar.

Brown, Driver e Briggs, em seu *Hebrew and English Lexicon*, dão-lhe o significado de "dividir, determinar, cortar, separar, decidir." Kohler e Baumgartner, em seu *Lexicon in Veretis Testamenti Libros*, mencionam "cortar" e "decidir." Gesenius consigna "determinar, destinar." O *The Students' Hebrew Lexicon* registra "cortar," "separar," "decidir." O *The Harkavy Hebrew and Chaldee Dictionary* menciona "cortar," "decidir."

Por conseguinte, pode-se ver que o termo "cortadas ou separadas" tem considerável base para ser usado. Entretanto, num assunto como êste, por que não reconhecer os vários aspectos do significado da palavra hebraica *chathak*? Acaso não é certo que o período das 70 semanas foi "destinado" ao povo judeu para executar o que é mencionado na profecia (Dan. 9:24)? Não foi êste período designado pelo Senhor para êste mesmo objetivo? Verificando que constitui um período específico, não podemos reconhecer também que Deus "determinou" êste período de tempo para Seu povo? Esta palavra significa igualmente "cortadas ou separadas", como acabamos de ver, mas por que não reconhecer todos os aspectos de sua significação ao interpretar esta profecia? Fazendo assim, nada temos a perder, senão lucrar.

5. O Significado do Fato de que Daniel Não Entendeu a Quarta Cena da Visão (*mar'eh*). Dan. 8:26 e 27

O fato de que a visão de Daniel 8 termina sem explanação do quarto símbolo — o das 2.300 tardes e manhãs — mas prometeu-a virtualmente para depois de "muitos dias," indica que era designio de Deus revelar esta questão ao Seu servo Daniel. Devido a haver pontos que ligam êste nono capítulo com o oitavo, parece razoável concluir que quando Gabriel se aproximou do profeta, êle continuou a explicação da profecia interrompida no capítulo 8. Declarou então a Daniel que viera dar-lhe capaci-

dade e compreensão, e que agora devia entender o assunto e considerar a visão (*mar'eh*).

6. O Significado do Fato de que Muitos Comentaristas Bíblicos Admitiram Esta Ligação.

Para informações mais completas, o leitor é convidado a consultar o livro *The Prophetic Faith of Our Fathers*, de L. E. Froom. Faremos apenas uma citação relevante:

"Esta profecia cronológica... (Daniel 9) destinava-se evidentemente a explicar a visão precedente (capítulo 8), em especial a parte cronológica dos 2.300 dias." — William Hales, em *A New Analysis of Chronology*, 1833, Vol. 2, pág. 517.

Os seguintes trechos dos escritos de Ellen G. White também merecem cuidadosa atenção:

"Ferventemente procurou (Daniel) entender o significado da visão. Ele não podia compreender a relação dos setenta anos do cativeiro como preditos por Jeremias, para com os dois mil e trezentos anos que nessa visão ouvira o visitante declarar que medeariam até a purificação do santuário. O anjo Gabriel lhe deu uma interpretação parcial; mas quando o profeta ouviu as palavras: "Só daqui a muitos dias se cumprirá," êle desmaiou. "Eu, Daniel, enfraqueci," escreveu êle sobre esta experiência, "e estive enfermo alguns dias; então levantei-me, e tratei do

negócio do rei. E espantei-me acêrca da visão, e não havia quem a entendesse." — *Profetas e Reis*, pág. 554.

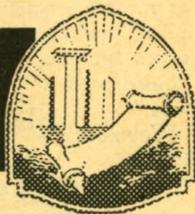
"Deus ordenou, contudo, a Seu mensageiro: 'Dá a entender a êste a visão.' A incumbência devia ser satisfeita. Em obediência a ela, o anjo, algum tempo depois, voltou a Daniel, dizendo: 'Agora sai para fazer-te entender o sentido; 'toma, pois, bom sentido na palavra, e entende a visão.' Havia, na visão do capítulo oito, um ponto importante que tinha sido deixado sem explicação, a saber, o que se refere ao tempo, ou seja, ao período dos 2.300 dias; portanto o anjo, reencetando a explicação, ocupa-se principalmente do assunto do tempo. ...

"O anjo fôra enviado a Daniel com o expresso fim de lhe explicar o ponto que êle tinha deixado de compreender na visão do capítulo oito, a saber, a declaração relativa ao tempo: 'Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado.'" — *O Conflito dos Séculos* (nova ed., revista), págs. 351 e 352.

Achamos que estas considerações nos dão claras, lógicas e sólidas razões para a nossa crença, não apenas em que o juízo investigativo antecederá o Segundo Advento, mas também quanto ao tempo em que teve início; isto é, em 1844, no fim do período da profecia dos 2.300 dias-anos.

Para dados históricos sobre a exatidão da data inicial dos 2.300 dias, a saber, o ano 457 A. C., ver *The Chronology of Ezra 7*, por Siegfried Horn e L. H. Wood.

PESQUISA - Teologia, História, Ciência



Cristo Nosso Senhor

(Conclusão)

W. E. READ

Ex-Diretor da Revista "Israelite"

HÁ alguns textos das Escrituras que certas pessoas usam com o intuito de demonstrar que nosso Senhor era um ser criado. Desta vez, serão consideradas três destas passagens.

"Êle é a imagem do Deus invisível, o primogênito de tôda a criação." Col. 1:15.

"Estas coisas diz o Amém (Cristo), ... o princípio da criação de Deus." Apoc. 3:14.

"Isto é, que o Cristo devia padecer, e, sendo o primeiro da ressurreição dos mortos, anunciará a luz ao povo e aos gentios." Atos 26:23.

Colossenses 1:15 já foi considerado no segundo artigo desta série, mas o consideraremos novamente sob um aspecto um pouco diferente.

Há duas palavras especiais nos textos mencio-

nados acima, que requerem atenção, e a adequada compreensão delas contribuirá para melhor visão do que pretendiam dizer os escritores de Colossenses e Apocalipse. Estas palavras são "primogênito" e "princípio."

a. Primogênito

A expressão "primogênito de tôda a criação," poderia ser traduzida assim: "gerado antes de tôda a criação," e o contexto revela que êste é o sentido correto da frase. A palavra *gerado* é aplicada a Êle em oposição a *criado*. Êle é gerado e não criado. É a imagem, isto é, a verdadeira figura e manifestação, do Deus invisível, desde tôda a eternidade. Foi à Sua imagem que o homem foi criado no princípio, e

na qual, após a sua queda, precisa ser renovado. Nesse sentido, Ele é diferente de toda a humanidade, da qual todos pecaram. As palavras "Filho" e "gerado" são os únicos vocábulos que as limitações da linguagem e do conceito humano podem encontrar para expressar a singular relação entre estas duas Pessoas da Trindade. Está fora da compreensão humana expressá-la ou entendê-la completamente.

Cuidadoso estudo do contexto de Colossenses 1:15 tornará isto bem claro e simples. Notar-se-á que:

1. Ele é o primogênito de entre os mortos (verso 18).

2. É o Criador de todas as coisas e também de todas as criaturas (verso 16).

3. Tem primazia em todas as coisas (verso 18).

4. É a plenitude da Divindade (verso 19 e 2:9).

5. É a imagem do Deus invisível (verso 15).

6. É antes de todas as coisas (verso 17).

7. N'Ele tudo subsiste (verso 17).

Percebe-se, pois, que em vez de ser criado, Ele mesmo é quem criou todos os seres vivos.

Este pensamento é refletido em algumas traduções inglesas, como segue:

Goodspeed — "Nascido antes de qualquer criatura."

Weymouth — "Primogênito de toda a criação."

20th Century — "Primogênito e Cabeça de toda a criação."

Cunnington — "Primogênito antes de toda a criação."

Fenton — "O Primogênito de toda a criação."

No *The International Critical Commentary*, aparece importante nota sobre este texto:

"A única interpretação convincente das palavras que reclamam a nossa atenção, é 'gerado antes *pasa krisis*'. . . . As únicas idéias envolvidas são as de prioridade no tempo e em distinção." 1

Cristo é "o Primogênito de toda a criação," o que é bem diferente do que dizer que Ele foi feito ou criado. Caso Paulo quisesse expressar a última idéia, teria empregado a palavra grega *protoktistos*, que significa "o primeiro a ser criado." Entretanto, Paulo usou o vocábulo *prototokos*, cuja significação é "gerado antes de tudo," o que é algo bastante diferente.

Notai a seguinte citação de Alberto Barnes, que muito bem expressa esse pensamento:

"Não resta dúvida de que o apóstolo se refere aí às distinções e honras conferidas ao primogênito, e pretende dizer que, entre todas as criaturas de Deus, Cristo ocupava uma primazia semelhante àquela. Não declara que, *sob todos* os pontos de vista, Ele se assemelhava ao primogênito duma família; tampouco afirma que Ele mesmo era uma criatura, pois o objetivo de sua comparação não gira em torno destas coisas, e o que continua a afirmar a respeito d'Ele é incompatível com a idéia de ser Ele próprio um ente criado. Aquêles por quem "foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a Terra," não foi criado. Que o apóstolo não tencionava representá-Lo como criatura, também é evidente *pela razão que apresenta* para ser Ele chamado o Primogênito. "Ele é a imagem do Deus invisível, o Primogênito de toda a criação; pois—

hoti—n'Ele foram criadas todas as coisas." Isto é, conserva a elevada posição do primogênito, ou de notável superioridade sobre a criação, porque por Ele "foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a Terra."

O sentido então é que Cristo ocupa a mais exaltada posição no universo; Ele sobressai a todos os outros; está a frente de todas as coisas. É o Filho de Deus e o herdeiro de tudo. Todos os outros seres são também "descendência de Deus;" mas Ele é exaltado como o Filho de Deus, mais do que todos." 2

b. Princípio

O texto grego de Apocalipse 3:14, é: *he arche tes ktiseos tou theou*. Isto significa *de Deus e não por Deus*, que exigiria a palavra *hupo*. Na verdade, o vocábulo *arche*, traduzido por "princípio", encerra a idéia expressa em Col. 1:15 e 16, e significa que Cristo é a origem, ou a fonte principal da criação de Deus. Comparar com S. João 1:1-3: "Todas as coisas foram feitas por intermédio d'Ele, e sem Ele nada do que foi feito se fez."

Devemos lembrar-nos também de que a palavra grega *arche*, traduzida neste texto por "princípio", encerra do mesmo modo a idéia de primazia em poder, supremacia, ser investido de autoridade etc. É o elemento em "arcanjo" que certamente encerra a idéia de posição e autoridade.

É a palavra usada em:

S. Judas 6 "estado original"

S. Lucas 12:11 "governadores"

S. Lucas 20:20 "jurisdição"

Hebreus 5:12 "princípios elementares"

Colossenses 2:10 "principado"

Ao considerar a expressão "o princípio da criação de Deus," convém ter em mente como a palavra *princípio* é aplicada em outros lugares a Jesus nosso Senhor.

"No princípio era o Verbo." S. João 1:1.

"Ele estava no princípio com Deus." S. João 1:2.

"Ele é o princípio, o primogênito." Colossenses 1:18.

"Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim." Apoc. 21:6.

Falando de Cristo, diz o Pai: "No princípio, Senhor, lançaste os fundamentos da Terra." Heb. 1:10.

Assim Cristo nosso Salvador é o princípio, o Criador de todas as coisas. Portanto, o sentido de Apocalipse 3:14 foi bem expressado nas traduções seguintes:

R. S. V.: "O princípio da criação de Deus."

Fenton: "O iniciador da criação de Deus."

Knox: "A fonte de que se originou a criação de Deus."

Siriaca: "O dirigente da criação de Deus."

Weymouth: "O Princípio e o Senhor da Criação de Deus."

Ed. Rev. e At. no Brasil: "O princípio da criação de Deus."

"Eis o que A. T. Robertson diz a esse respeito:

“Não a primeira das criaturas como afirmavam os arianos, e os unitários defendem no presente, mas a fonte originadora da criação, por meio de quem Deus opera.”³

Sobre Atos 26:23 — “Isto é, que o Cristo devia padecer, e, sendo o primeiro da ressurreição dos mortos, anunciaria a luz ao povo e aos gentios.” Caso interpretemos o texto ao pé da letra, concluiremos que ninguém ressuscitou dos mortos antes de nosso Senhor Jesus Cristo. De-frontamo-nos, porém, com o fato de que várias pessoas já haviam sido ressuscitadas dentre os mortos, como:

O filho da sunamita	II Reis 4:36.
O filho da viúva	I Reis 17:23.
O filho da viúva de Naim	S. Luc. 7:11-15.
A filha de Jairo	S. Luc. 8:51 e 55.
Lázaro	S. João 11:44.

Declara A. T. Robertson:

“Outros haviam ressuscitado dentre os mortos, mas Cristo foi o primeiro (*protos*) a ressurgir dentre os mortos, não morrer mais (Rom. 6:9) e proclamar a luz.”⁴

Algumas traduções esclarecem êste ponto:

Siriaca: “Tornar-se-ia as primícias da ressur-

reição dos mortos.” (Isto está em harmonia com I Cor. 15:20: “Mas de fato Cristo ressuscitou . . . , sendo Ele as primícias dos que dormem.”)

Riverside: “Para que Ele, ressuscitando dentre os mortos, fôsse o primeiro a proclamar a luz.”

20th Century: “E que Ele, ressuscitando dentre os mortos, fôsse o primeiro a trazer novas de luz.”

Weymouth (3ª. ed.): “Retornando dentre os mortos devia então ser o primeiro a proclamar a mensagem de luz.”

Que bendita verdade é essa que Cristo nosso Senhor ressurgiu dentre os mortos! Saiu da sepultura como poderoso conquistador e ascendeu em glória ao Céu dos céus. Por meio de Sua gloriosa ressurreição, para sempre garantiu nossa salvação, assegurando também a ressurreição para a vida imortal de todos os Seus filhos fiéis.

- 1) *International Critical Commentary*, sobre Col. 1:15, pág. 122.
- 2) Alberto Barnes, *Notes, Expository and Pratical, on the Gospels*, sobre Col. 1:15 e 18 (Nova York: Harper and Brothers, 1850).
- 3) A. T. Robertson, *Word Pictures With New Testament*, Vol. 6, pág. 321.
- 4) *Idem*, Vol. 3, pág. 451.

Alguns Aspectos da Observância do Sábado

Entre os Judeus, Durante a Era Cristã — I

NO COMEÇO DA ERA CRISTÃ

Alguns Costumes

“O JUDEU pensava no sábado durante toda a semana.”¹ Alimentos especiais adquiridos no decorrer da semana eram guardados para o sábado. A quinta-feira era o dia de mercado.

Mas o clímax da preparação ocorria na sexta-feira. Era considerado muito meritório trabalhar na sexta-feira, como preparação para o sábado. “Os judeus estavam tão ocupados na sexta-feira, preparando-se para o sábado, que tinham certeza que o profeta Elias não apareceria numa sexta-feira com sua mensagem de redenção.”²

Para evitar a profanação do sábado, logo lhe foram acrescentadas as últimas horas da sexta-feira. Em Jerusalém, um sacerdote, parado sobre alta torre do templo, tocava uma trombeta como sinal de abandonar todo o trabalho e começar o repouso sabático. O mesmo era feito em todas as outras cidades e povoações da Palestina, por um oficial da respectiva comunida-

de, parado sobre o teto duma casa alta, que geralmente era uma sinagoga.

Havia seis toques de trombeta:

(a) O primeiro era para abandonar os trabalhos, principalmente o da lavoura. Os homens que trabalhavam mais perto da povoação esperavam os que vinham de mais longe e entravam juntos. Os estabelecimentos comerciais continuavam abertos.

(b) Ao ser a trombeta tocada pela segunda vez, as casas de negócio eram fechadas.

(c) O terceiro toque indicava que deviam ser tiradas as painéis das cozinhas e envoltas em vários tipos de materiais, para conservarem o calor.

Também deviam ser acesas as lâmpadas do sábado. Os devotos que trajavam filactérias o dia todo, tiravam-nas.

(d) Depois de uma pausa, três toques sucessivos de trombeta indicavam que começava definitivamente o descanso sabático. O oficial

não podia descer com sua trombeta. Deixava-a sobre o teto até a noite seguinte, quando dava o sinal de que o sábado havia terminado.³

O Talmude e a Observância do Sábado⁴

O *Talmude* (“ensinamento”) originou-se na tradição oral dos judeus, desenvolvida durante vários séculos. Começou a adquirir forma escrita por volta do início do terceiro século de nossa era, “com a codificação de seus elementos básicos — a *Mishnah*. Durante os dois séculos seguintes foram elaborados e codificados muitos comentários sobre a *Mishnah*, que são conhecidos como *Gemara*. Estas duas coleções em conjunto formam o Talmude e proporcionam a estrutura do judaísmo histórico.”⁵ Diversos regulamentos do Talmude, relacionados com a observância do sábado, refletem claramente certas situações ou declarações mencionadas nos Evangelhos. Além disso, há outros que são muito esclarecedores. Examinemos alguns deles.

a. Os 39 Trabalhos Primários

“Os trabalhos primários são quarenta menos um: semear, arar, colhêr, atar molhos, trilhar, joeirar, selecionar, moer, peneirar, amassar, assar, tosquiá, alvejar, rastelar, tingir, fiar, estirar fios, fazer dois laços, entrelaçá dois fios, dividir dois fios, amarrar e desamarrar, coser dois pontos, rasgar para coser dois pontos, capturar um veado, matá-lo, esfolá-lo ou salgá-lo, curar sua pele, raspá-la (para tirar o pêlo), cortá-la, escrever duas cartas, apagar para escrever duas cartas (sobre o que foi apagado), edificar, derubar, extinguir (fogo), acender, bater com um martelo e transportar algo de uma propriedade para outra: estes são os trinta e nove trabalhos primários.”⁶

Baseados nesta lista, os judeus acusaram pelo menos três vezes a Jesus e a Seus discípulos de violar o sábado ou de induzir outros a transgredi-lo:

(a) Os discípulos colhem espigas, esfregam-nas e comem o grão (S. Mat. 12:1-8; S. Mar. 2:23-28; S. Luc. 6:1-5). Acusados de: colhêr, trilhar e joeirar.

(b) Jesus faz barro e o coloca sobre os olhos do cego de nascença (S. João 9:1-41). Acusado de amassar (barro). Outro preceito do Talmude permite derramar água sobre o farelo ao prepará-lo como alimento para os animais, mas não permite misturá-lo.⁷ Ademais, Cristo transgrediu outra disposição tradicional que proibia ungi-se no sábado de maneira diferente da habitual. Jesus “ungiu” (untou) com lódo os olhos do cego.

“Se alguém está com dor de dentes, não pode sorver vinagre através deles (... isto é curar, o que é proibido no sábado) mas pode molhar (o pão no vinagre) da maneira costumeira, e

se ficar curado, que fique. Se alguém tiver dor nas costas, não deve friccioná-las com vinho ou vinagre, mas pode fazê-lo com azeite, se bem que não com azeite de rosas. Filhos de reis podem ungi suas feridas com azeite de rosas, pois costumam ungi-se assim nos dias da semana. Disse R. Simeon: Todo o Israel são filhos de reis.”⁸

(c) Jesus cura o paralítico de Betesda e lhe ordena carregar o leito. (S. João 5:1-15.)

O homem é acusado de “transportar algo de uma propriedade para outra,” (o último dos 39 trabalhos primários que eram proibidos).

Outro regulamento da *Mishnah* afirma que se um homem carregar, num lugar público, “a uma pessoa viva em um leito, não é culpável nem sequer em relação ao leito, porque êste lhe é secundário.”⁹ Isto parece implicar que carregar um leito vazio era considerado pecaminoso.

De outra forma, não era permitido nem mesmo levar um lenço no sábado, a menos que uma de suas extremidades estivesse costurada no vestido. Neste caso passava, tècnicamente, a fazer parte da vestimenta.¹⁰

Não obstante, a própria *Mishnah* proporcionava uma saída “legal” para quem necessitava transportar algo durante o sábado: “Se alguém transporta (um artigo), com a (mão) direita ou com a esquerda, no regaço ou no ombro, é culpável, porque assim transportavam os filhos de Coate. De maneira disfarçada (quer dizer) com o pé, na boca, na orelha, no cabelo, no cinto com sua abertura para baixo, entre o cinto e a camisa, na bainha da camisa, nos sapatos ou sandálias, não merece censura, porque não (o) transportou como as pessoas (geralmente) o fazem.”¹¹

b. Tratamento no Sábado

Alguns trechos apropriados:

“Não podemos comer hissopo grego no sábado, pois não é alimento de pessoas sãs (... mas sim, um remédio); podemos, porém, comer *Yo'ezer* (certa planta) e beber *abub ro'eh* (literalmente: ‘flauta do pastor’ — nome de uma planta (Eupatório) usada com propósitos medicinais). O homem pode comer qualquer espécie de alimento como remédio, e beber qualquer líquido (desde que não sejam comidas e bebidas sem intenções curativas), com exceção da água de côco e um medicamento de raízes, pois estes são (remédios) para a icterícia; mas pode-se tomar água de côco para saciar a sede, e friccionar-se com óleo de raízes sem propósitos medicinais.”¹²

“Se alguém fôr acometido duma fome voraz, pode-se dar de comer para êle também coisas imundas, até seus olhos se aclararem. ... Diz R. Matthia b. Heresh: Se alguém sentir dor de garganta, pode introduzir remédios na boca durante o sábado, porque existe a possibilida-

de de perigo para a vida humana e tudo o que faça perigar a vida humana suspende as (leis do) sábado.”¹³

“... todos os requisitos da circuncisão podem ser feitos no sábado.”¹⁴

Em relação com isto, citamos duas declarações significativas: (a) Afirma o rabi Eliézer (cêrca de 90 A. D.): “A circuncisão está acima do sábado. . . . Se êle (o homem) passa o sábado por alto, devido a um de seus membros, não deveria passar o sábado por alto devido a todo o seu corpo (se há perigo de morte)?”¹⁵ (b) Declaração do Talmud por volta do ano 100 de nossa era: “Se a circuncisão que se relaciona com apenas um dos duzentos e quarenta e oito membros do corpo humano, suspende o sábado, quanto mais deveria (a salvação de) todo o corpo suspender o sábado!”¹⁶

Dos trechos anteriores, torna-se claro que os judeus permitiam atender no sábado somente os casos de enfermidade que pusessem a vida em perigo imediato.

De uns 20 milagres de cura mencionados nos Evangelhos, os seguintes 7 foram efetuados no sábado, e quase todos originaram violentas críticas e oposição a Jesus, pois, aparentemente, em nenhum deles havia perigo imediato de morte:

(a) O paralítico de Betesda — S. João 5:1-15

(b) O endemoninhado na sinagoga — S. Mar. 1:21-28

(c) A sogra de Pedro — S. Mar. 1:29-31

(d) O homem da mão ressequida — S. Mar. 3:1-6

(e) O cego de nascença — S. João 9:1-41

(f) A mulher inválida — S. Luc. 13:10-17

(g) O homem hidrópico — S. Luc. 14:1-4

c. “Jornada de um sábado” (Atos 1:12)

A frase que forma êste subtítulo aparece somente em Atos 1:12. Descreve a distância entre Jerusalém e o monte das Oliveiras. Josefo diz que esta distância era de 5 ou 6 estádios¹⁷, isto é, mais ou menos um quilômetro.

Com isto coincidem várias afirmações da *Mishnah*, em que o “limite do sábado” é fixado em 2.000 côvados.¹⁸ Eis um exemplo:

“Se um homem a quem isto era permitido, saiu fora do limite do sábado e lhe foi dito então que o ato (que pensava executar) já havia sido feito, êle tem o direito de mover-se dentro de dois mil côvados em qualquer direção. Se estava dentro do limite do sábado, considerava-se como se não houvesse saído. Todos os que saem para salvar uma vida podem regressar a seus lugares de origem.”¹⁹

Há duas maneiras de explicar a origem da medida de 2.000 côvados:

(a) A tradição judaica afirma que a distância entre a tenda mais afastada do acampamento

israelita no deserto, e o tabernáculo, era de 2.000 côvados. Assim todo israelita podia ir até o tabernáculo sem transgredir a ordem: “Ninguém saia do seu lugar no sétimo dia” (Êxo. 16:29).

(b) Outros recorrem a Josué 3:4, onde se afirma que entre os sacerdotes e o povo devia haver um espaço “de cêrca de dois mil côvados”, ao ser atravessado o Jordão.

Contudo, havia maneiras de evitar a rigidez dêste limite, em certas circunstâncias:

“Se um homem que viaja (em direção ao lar) fôr surpreendido pelo crepúsculo, e conhecer alguma árvore ou muro e disser: “Que minha base sabática esteja debaixo dela!” sua afirmação nada lhe valerá. Entretanto, se disser: “Que minha base sabática esteja junto a sua raiz!” poderá andar dois mil côvados, e desde a raiz até sua casa, outros dois mil côvados. Destarte, pode caminhar quatro mil côvados depois de anoitecer.

“Caso não conheça nenhuma árvore ou muro, ou se não conhecer a *halachah*, e disser: “Que minha posição atual seja minha base sabática!” sua posição dá-lhe o direito de movimentar-se num raio de dois mil côvados em qualquer direção. . . . Os sábios, no entanto, estabeleceram que as distâncias devem ser reduzidas a um quadrado na forma de uma tabuinha quadrada, de maneira que êle possa atingir a área dos cantos.”²⁰

Também se poderia ocultar alimento a intervalos apropriados ao longo do caminho que se esperava percorrer. “Então, praticamente, o lugar onde estava o alimento podia ser considerado como outro ‘lar’ de seu dono. De cada um dêsses depósitos de alimento era possível, pois, percorrer outro caminho de um sábado, até o depósito seguinte.”²¹

d. *Vestuário Pessoal*

“Com que pode sair e com que não pode sair uma mulher? . . . Ela não pode sair com fitas de lã e de linho, ou com fitas ao redor da cabeça; nem pode realizar a imersão ritual enquanto estiver com elas, a menos que as solte. (Não pode sair) à rua com adornos na frente, grinaldas (*sarbitin*), caso não estejam costuradas, ou com rêde para o cabelo (*kabul*) . . . ou com brincos, ou com anel sem sêlo. . . . Todavia, se sair (com isto), não está obrigada a apresentar oferta pelo pecado.”²²

“Se alguém cortar as unhas com as outras ou com os dentes, ou (se arrancar) o cabelo, o bigode ou a barba; e se (uma mulher) trançar o cabelo, ou se pintar (as pálpebras ou o rosto), R. Eliézer os declara culpados, ao passo que os rabinos proibem (estas ações) como *shebuth*.”²³

“Também era considerado como transgressão do sábado olhar num espelho pendurado na parede.”²⁴

2. Outras Determinações Sobre o Descanso Sabático

“Pode-se dobrar as roupas até quatro ou cinco vezes, e estender os lençóis nas camas durante a noite de sábado, para usá-los nesse dia, mas não no sábado para (usar) depois dêle ser concluído.”²⁵

“Pode-se guardar alimento para três refeições. . . . Se ocorrer um incêndio na noite de sábado, pode-se salvar alimento para três refeições; (se) fôr de manhã, pode-se salvar alimento para duas refeições; à (hora de) *minhah*, alimento para uma refeição. Disse R. José: Em todo tempo podemos salvar alimento para três refeições.”²⁶

Algumas disposições revelam claramente que havia divergência de opiniões. São especialmente dignas de nota algumas divergências entre as escolas iniciadas por Hillel e Shammai, doutores da lei que alcançaram fama no fim do primeiro século antes de Cristo:

(a) “Regra de Beth Shammai: Não se deve vender (algo) a um gentio, ou ajudá-lo a carregar (um asno), . . . a menos que possa chegar a um lugar próximo; mas Beth Hillel o permite.”²⁷

(b) Shammai insistia que ao conseguir pásaros para o sacrifício num dia de festa, a escada não podia ser mudada dum pombal para outro, mas somente de uma abertura a outra do mesmo pombal. Hillel, porém, permitia ambas essas coisas.²⁸

(c) Shammai permitia comer um ovo pôsto no sábado, mas Hillel o proibia, afirmando que a proibição de preparar alimento no sábado se aplicava não somente aos homens mas também às galinhas.²⁹

Era considerado ilegal expectorar sobre o solo porque assim talvez se estivesse regando uma planta.³⁰

Um princípio geral estabelecido pelo rabi Aquiba:

“Tôda (espécie de) trabalho que pode ser realizado na véspera do sábado, não invalida (quer dizer, não deve ser feito em) o sábado; mas o que não se pode fazer na véspera do sábado, isso invalida o sábado.”³¹

Tôdas as determinações citadas acima não são mais que uma demonstração da maneira meticulosa e particularizada como os judeus regulamentaram a observância do sábado. Olvidando o espírito da lei, exigiam de si mesmos e dos outros mais do que o próprio Deus havia especificado. E neste afã, chegavam até a contradizer a lei que pretendiam cumprir. Com razão, disse-lhes Jesus: “Jeitosamente rejeitais o preceito de Deus para guardardes a vossa própria tradição.” S. Mar. 7:9.

- 1) Hayyim Schauss, *The Jewish Festivals* (Nova York, União das Congregações Hebraico-Americanas, 1938), pág. 13.
- 2) *Loc. cit.*
- 3) Schauss, *op. cit.*, págs. 13 e 14.
- 4) Citações tiradas da *Mishnah* traduzida em *The Babylonian Talmud*, editado por Isidoro Epstein (35 volumes, Londres, The Sonsino Press Lt. 1935-1952). Nós as colhemos do S. D. A. *Bible Students' Source Book*, Washington D. C., Review and Herald Publ. Assn., 1962, págs. 847-856.
- 5) *The S. D. A. Bible Commentary* (SDABC), Vol. 5, pág. 96.
- 6) *Shabbath* 7.2, no Talmude 73a, págs. 348 e 349.
- 7) *Shabbath* 24.3, no Talmude, pág. 794. Cit. no SDABC, Vol. 5, pág. 998.
- 8) *Shabbath* 14.4, no Talmude 111a, págs. 539 e 540.
- 9) *Shabbath* 10, no Talmude, pág. 448. Cit. no SDABC, Vol. 5, pág. 949.
- 10) SDABC, Vol. 5, pág. 587.
- 11) *Shabbath* 10.3, no Talmude 92a, págs. 439 e 440.
- 12) *Shabbath* 14.3, no Talmude 109b, pág. 532.
- 13) *Yoma* 8.6, no Talmude 83a, pág. 407.
- 14) *Shabbath* 19.1, no Talmude 130a, pág. 649.
- 15) *Tosephta Shabbath* 15.16. Ver SDABC, Vol. 5, pág. 979.
- 16) *Yoma* 85b, no Talmude pág. 421. Ver *Loc. cit.*
- 17) *Antigüedades*, xx 8.6; *Guerras* v 2.3.
- 18) Ver 'Erubin 4.5, 6 (Talmude 45a, 45b); 'Erubin 5.8 (Talmude 61a).
- 19) 'Erubin 4.3, no Talmude, pág. 306. Ver SDABC, Vol. 5, pág. 126.
- 20) 'Erubin 4.8, no Talmude 49b, págs. 343 e 344.
- 21) SDABC, Vol. 5, pág. 587.
- 22) *Shabbath* 6.1, no Talmude 57a, pág. 266.
- 23) *Shabbath* 10.6, no Talmude 94b, pág. 452.
- 24) SDABC, Vol. 5, pág. 587.
- 25) *Shabbath* 15.3, no Talmude 113a, págs. 551 e 552.
- 26) *Shabbath* 16.2, no Talmude 117b, pág. 576.
- 27) *Shabbath* 1.5, 6, 7, 8, no Talmude 17b, pág. 73.
- 28) *Shabbath* 1.7, no Talmude, pág. 73. Cit no SDABC, Vol. 5, 97.
- 29) 'Eduyyoth 4.1, no Talmude, pág. 22. Cit. no SDABC, Vol. 5, pág. 98.
- 30) SDABC, Vol. 5, pág. 587.
- 31) *Shabbath* 19.1, no Talmude 130a, pág. 649.

Considerações Sobre . . .

(Continuação da pág. 12)

vem o sábado do sétimo dia, que é um memorial de Seu poder criador, assim como a cruz é um sinal ainda maior de Seu poder criador e remidor. Depois da morte de Jesus, ainda era a vontade de Deus que Seu povo observasse o sábado do sétimo dia. O Calvário ratificou o novo concêrto, e depois de um concêrto ou testamento ser confirmado ninguém pode introduzir quaisquer modificações nêle. A instituição do domingo, ou a observância do primeiro dia da semana, apareceu demasiado tarde para ser incluída no novo concêrto de Deus em favor de Seu povo. A observância do domingo é tão-somente um concêrto unilateral por parte do homem, e o Senhor nada tem que ver com ela. O domingo não faz parte do gracioso concêrto de Deus com a humanidade, sendo portanto apenas uma instituição humana.

Os Adventistas do Sétimo Dia Respondem a PERGUNTAS SÔBRE DOCTRINA

A Preeminência de Cristo em Daniel 8 e 9

Pergunta 23

Por que salientam os adventistas do sétimo dia tanto as profecias, principalmente Daniel 8 e 9? Não seria melhor centralizarmos nossa ênfase e afeição em Jesus Cristo e na salvação por meio da fé nEle? Não constituem as esperanças frustradas de 1844 um fundamento bastante instável sôbre que basear a vossa expectativa da iminente vinda de nosso Senhor?

AS profecias de Daniel 8 e 9, que os adventistas do sétimo dia crêem estar inseparavelmente ligadas, são preciosas para nós pela simples razão de acreditarmos que seu objetivo principal é apresentar a Jesus Cristo como nosso sacrifício expiatório, efetuado no Calvário há dezenove séculos, e nosso mediador e sacerdote no Céu, durante os séculos subseqüentes, como preparação para Sua volta na qualidade de eterno Rei dos reis, em superna glória.

Creemos que os capítulos 8 e 9 estão inseparavelmente relacionados um com o outro, devido a chamarem a atenção para os notáveis eventos preparatórios e as gloriosas providências do primeiro e segundo adventos de Jesus Cristo nosso Senhor. E para nós êstes dois adventos formam os centros correlatos, ou focos, das providências redentoras que Deus tomou em favor do homem.* Constituem os pontos focais do tempo e da eternidade. Achamos não haver maior revelação das provisões do evangelho em tôda a Palavra profética, do que aí.

No primeiro advento, o encarnado Filho de Deus levou uma existência inigualável e sem pecado entre os homens, como poderoso Servo e Revelador de Deus, e nosso exemplo. Depois, como o Cordeiro divino, morreu de modo vicário, expiatório e reconciliador pelo mundo

* No primeiro advento, Cristo se ofereceu sem mácula a Deus (Heb. 9:14), para expiar nossos pecados e reconciliar-nos com o Pai, mediante Sua própria morte expiatória. Isto serviu de fundamento para tôdas as providências redentoras que viriam depois. E no segundo advento Ele virá para a redenção do nosso corpo (Rom. 8:23), e para a eterna remoção de todo vestígio das conseqüências do pecado. Em tôrno dêstes dois pontos centraliza-se Sua completa obra de redenção.

perdido (II Cor. 5:19). E êste extraordinário ato redentor ocorreu no "meio" da setuagésima "semana" de anos profetizada por Daniel.

Êste evento transcendente demonstrou perante todo o universo a integridade das múltiplas promessas de redenção em Cristo. E ela foi atestada por Sua triunfante ressurreição dentre os mortos e por Sua ascensão ao Céu, onde, como nosso grande Sumo Sacerdote, ministra na presença de Deus os benefícios da expiação efetuada no Calvário. E cremos que, de acôrdo com a promessa e a profecia, deu início ao juízo, o segundo e derradeiro aspecto dêsse ministério celestial, quando o grande período dos 2.300 dias-anos terminou em 1844, como fôra predito em Daniel 8:14.

Acreditamos que na conclusão de Sua obra como mediador, o tempo de graça para os homens terminará para sempre, estando cada caso decidido para a eternidade e vindicadas perante tôdas as inteligências criadas do universo, a justiça e eqüidade de Deus. Segundo nossa compreensão, isto será seguido pelo segundo aparecimento pessoal de Cristo, em poder e glória, para ressuscitar os justos mortos à imortalidade e transformar ao mesmo tempo os justos vivos (I Cor. 15:51-54). Ambos os grupos de remidos — os ressuscitados e os transformados — serão arrebatados juntos para encontrar o Senhor nos ares, a fim de sempre estar com Ele (I Tess. 4:17).

Para nós, isso é a gloriosa conexão e a admirável revelação dêstes dois capítulos. Êles representam e incluem a miraculosa encarnação, a vida sem pecado, a unção divinamente atestada, a morte expiatória, a ressurreição triunfante, a ascensão literal, o ministério intercessor e então a gloriosa volta de nosso Senhor a fim de reunir os Seus santos para estarem eternamente com Ele. Creemos que isto constitui a própria essência e plenitude do evangelho. É por isso que gostamos de demorar-nos sô-

bre estes capítulos proféticos, que descrevem os dois maravilhosos adventos de nosso Senhor, e os aspectos da redenção relacionados com eles.

Os séculos da Era Cristã que se estendem depois da cruz, e que se aproximam agora de sua terminação fatal, são aí revelados de modo inigualável, em esboço profético, para podermos compreender a seqüência dos eventos que estão baseados numa inalterável data inicial. Destarte, somos habilitados a conhecer os tempos, ou os últimos dias, em que vivemos, no desenvolvimento do grande e divino plano de redenção em favor dos homens de tôdas as épocas.

A profecia é essencialmente a revelação da atividade redentora de Deus em e mediante Jesus Cristo. Estes capítulos são, portanto, muitíssimo preciosos para nós, pois formam a chave da imponente abóbada da completa e gloriosa salvação por meio de Jesus Cristo. Isto, para nós, não é honrar e amar menos a Cristo, mas é simplesmente outra revelação, que em geral não é salientada muito hoje em dia, de nosso incomparável Senhor e Salvador. Eis o motivo de nós, como adventistas do sétimo dia, demonstrarmos tão profundo interêsse e fé no majestoso esboço das profecias de Daniel 8 e 9.

Quanto à segunda pergunta, concernente ao "desapontamento" de 1844, achamos que estes dois capítulos não sômente descrevem as ocorrências conducentes aos dois adventos, mas que cada um deles foi acompanhado por grave equívoco e desapontamento inicial. O primeiro foi experimentado pelo grupo de discípulos em conexão com a morte de Jesus na cruz como o Cordeiro de Deus. O outro, experimentaram-no os que aguardavam a gloriosa volta de seu Senhor em 1844, e que depois, como os discípulos, descobriram seu êrro de interpretação no tocante ao evento predito. Quando os discípulos viram Jesus morrer na cruz, ficaram amargamente desapontados. Suas esperanças se desfizeram, pois estavam convictos de que Jesus era o Messias prometido, como fôra confirmado por Sua unção pelo Espírito Santo. Haviam-nO ouvido declarar que o "tempo" profético para Seu aparecimento estava "cumprido" (S. Mar. 1:15). Sem dúvida, Ele se referia à terminação das sessenta e nove semanas de profecia de Daniel. Testemunharam Sua morte no tempo especificado, mas só compreenderam o significado de Seu sacrificio expiatório, depois da ressurreição.

Por qualquer razão, foram incapazes de apagar a idéia de que Ele seria "tirado" por meio de violenta morte na "metade" dessa última

semana de anos da grande profecia messiânica. Pensaram que nessa ocasião Ele restauraria o reino terrestre a Israel, e que ocupariam posições importantes em Seu glorioso reino. Quando, em vez disso, Ele foi julgado, rejeitado e morto no Gólgota, suas esperanças morreram com Ele. E ao depositarem ternamente Seu corpo dilacerado na sepultura, julgavam que suas esperanças estavam sepultadas de modo irrevogável.

Tudo mudou, porém, ao ressuscitar Ele triunfantemente de Sua morte sacrificial. O próprio Jesus explicou então a eles tôdas as profecias concernentes a Sua vida, morte e ressurreição. Após Sua ascensão, entenderam que o grande desapontamento que experimentaram em Sua morte no tempo designado — assim como Sua ressurreição, e ascensão para officiar como sacerdote celestial em favor do homem — provinham da ordenação divina. E esta seqüência de eventos redutores constitui na verdade o fundamento sôbre o qual foi edificada a própria igreja cristã. O tempo estava certo, mas o evento antecipado — o estabelecimento do reino de glória — estava errado. Cristo não devia ocupar o trono naquela ocasião, mas sim morrer como nosso sacrificio expiatório, e, depois, como nosso sacerdote e mediador, ministrar êsse sacrificio no Céu, em favor do homem: Não voltaria como Rei conquistador antes do determinado fim dos séculos. Tudo então se tornou claro, simples e razoável. Era tão-sômente a operação do imutável propósito de Deus, fartamente predito pelos profetas da antiguidade.

— *Questions on Doctrine*, págs. 244-248.

Um Livro Sôbre . . .

(Continuação da pág. 4)

Com efeito, lendo "The Truth About Seventh-Day Adventism" chegamos à conclusão de que, entre todos os críticos que tentaram interpretar a teologia dos Adventistas do Sétimo Dia, talvez, ninguém como ele se houve com maior nobreza, sinceridade e isenção de ânimo.

Neste número de "O Ministério Adventista" iniciamos a publicação de uma série de artigos, escritos por ministros nossos, refutando os argumentos invocados pelo autor ao justificar as suas discrepâncias diante do pensamento teológico adventista.

Estamos certos de que a publicação destes artigos robustecerá a nossa certeza na autenticidade da tríplice mensagem angélica.